

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

BRUNO GARCIA DE FIGUEIREDO CAMACHO

MESTRE PRACINHA E A GUERRA: a ação dos brasileiros no teatro de operações da
Itália

UBERLÂNDIA

2015

BRUNO GARCIA DE FIGUEIREDO CAMACHO

MESTRE PRACINHA E A GUERRA: a ação dos brasileiros no teatro de operações da
Itália

Monografia apresentada como exigência parcial do curso de Bacharelado e Licenciatura em História, junto à Universidade Federal de Uberlândia, como avaliação final da Disciplina Monografia III para obtenção do título de Graduado sob a orientação do Prof. Dr. Gilberto César de Noronha.

UBERLÂNDIA

2015

Monografia defendida e aprovada em 18/12/2015, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha (Orientador)

Prof. Me. Pedro Benedetti (Examinador)

Prof. Me. Tadeu Pereira dos Santos (Examinador)

Dedico este trabalho ao meu amado
avô, Daphnis Ferrette Garcia de
Figueiredo.

AGRADECIMENTOS:

Em primeiro lugar, agradeço ao meu pai, João Luiz Camacho, minha mãe, Gisele Garcia de Figueiredo Camacho e meu irmão, Daniel Garcia de Figueiredo Camacho, pelo apoio e carinho. Vocês são o meu Norte e minha inspiração, a razão de minhas vitórias nos caminhos percorridos.

Agradeço aos meus amigos e familiares, pelo constante suporte. Sou honrado de ter companhia tão magnífica.

Agradeço à Carmen Lucia Camacho e Magali Camacho, pela minha formação escolar. Não há palavras que possam exprimir minha gratidão.

Agradeço ao meu avô, João Camacho e minha avó, Luiza Cerdeira Camacho, pelo acolhimento e amor pelos quais sou eternamente grato.

Agradeço também à Coordenadora do Curso de História, Maria Andréa Angelotti do Carmo, e ao meu orientador, Gilberto César de Noronha, pela constante diligência.

À Cristina Cunha, fica minha inquestionável gratidão e respeito. Obrigado pelos conselhos e amizade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	07.
------------------	-----

CAPÍTULO 1 – AS FONTES PESQUISADAS

1.1 – Da memória dos brasileiros no Teatro de Operações da Itália -----	10.
1.2 – Dos jornais e periódicos -----	17.
1.3 – Dos correspondentes de guerra e dos livros de memória -----	25.

CAPÍTULO 2 – A AÇÃO EXPEDICIONÁRIA

2.1 – Da neve, do frio e das montanhas: elementos do cenário ou as características do antagonista? -----	40.
2.2 – Dos Brasileiros: protagonistas ou coadjuvantes? -----	61.
2.3 - Da primavera e do Fim da Guerra -----	74.

CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	90.
----------------------------	-----

FONTES DOCUMENTAIS -----	93.
--------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA -----	94.
--------------------	-----

INTRODUÇÃO

Quando se pesquisa sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, é muito comum que se encontre opiniões extremistas: há aquelas que falam que os praças brasileiros foram heróis e há aquelas que falam que foram vergonhosos. Há ainda a discussão sobre quão relevantes foram as tropas brasileiras. Teria sido grandiosa a sua participação ou pequena? Ao pensar no conflito como um todo, levando em consideração as várias operações feitas, o efetivo de tropas das várias nações e tempo de envolvimento tem-se a clara noção de que foi pequena. Mas quando falo que foi pequena, refiro-me somente a estes fatores meramente numéricos que não levam em conta o esforço e o desempenho, que dentro de suas proporções diminutas tiveram sua relevância.

Quando os brasileiros chegaram no campo de batalha, os Alemães e os fascistas de Mussolini possuíam a vantagem do terreno: a maioria das posições elevadas e as fortificações já bem enraizadas davam a eles uma vantagem defensiva enorme, ao ponto que as mais importantes só foram cair em 1945 com a investida da primavera. Os homens da FEB e da FAB ainda lidavam com um inimigo totalmente novo para um brasileiro comum: o inverno. Este em conjunto com os nazi-facistas formavam o par de antagonistas que as tropas aliadas enfrentaram nesse setor e, unidos, impediram maiores avanços até que a neve derretesse (dando lugar a lama, um fator não muito mais favorável).

Os pracinhas brasileiros, na maior parte dos sete meses que estiveram em combate na Itália (de 15 de setembro de 1944 a 2 de maio de 1945), tentavam furar o bloqueio criado pelas tropas inimigas na Linha Gótica (a frente alemã, um sistema defensivo composto de fortificações, pontos estratégicos com metralhadoras bem posicionadas e suporte da artilharia separando o resto da Itália do Vale do Pó, sua região mais setentrional). Nas palavras de Joel Silveira, o soldado brasileiro passava por “medo, frio – muito frio -, desconforto, e aquele constante odor de sangue velho e óleo diesel, que é o cheiro da guerra. E mais o tédio dos longos dias e noites em locais inviáveis, sitiados pela neve”.¹

¹ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 9

Os brasileiros, no entanto, não estavam lutando a sós na Itália, pois ainda havia a ajuda das tropas americanas e inglesas além das muitas vezes esquecidas tropas sul-africanas e neozelandesas. Também se faz necessário lembrar a presença dos *partigiani*, um exército irregular composto pelos cidadãos italianos dispostos a libertar seu país da ocupação fascista. Estes “rudes libertadores”² trabalhavam de várias formas, tanto a frente como atrás das linhas inimigas, para obter o seu intento. Por conhecerem bem o terreno serviam como ótimos guias, principalmente na realização de patrulhas, além de obter informações com uso de espiões. Os *partigiani* não eram sempre confiáveis, pois ainda havia uma grande quantidade de pró-fascistas que podiam estar sabotando e desinformando os aliados, mas alguns provavam seu valor, se “incorporando” de forma não oficial às tropas, ajudavam com possível, até mesmo lutando em coordenação com as tropas regulares.³

Estes são os elementos que compõem o *teatro de operações da Itália*. Esta pesquisa se voltará para a participação dos brasileiros no conflito e para que essa seja razoavelmente, compreendida, não deixarei de lado as relações criadas por eles, os brasileiros, tanto com seu meio, aliados e inimigos. No que tange à história das forças armadas brasileiras nesse conflito, houve ainda toda uma preparação tanto política quanto militar para a entrada bélica no conflito, da qual destaca-se as dificuldades na formação da FEB, sendo um dos motivos imposto pelos ministro da guerra Eurico Gaspar Dutra e o chefe do Estado-Maior do Exército Pedro Aurélio de Góes Monteiro que “até hoje as pesquisas sobre o período não lograram evidenciar efetiva atuação contrária, seja de Dutra, seja de Góes Monteiro, que tenha obstado as complicadas medidas necessárias para a boa organização da FEB.”⁴

Mas tanto estas dificuldades domésticas do período de guerra quanto a defesa da costa brasileira e os navios torpedeados pelos submarinos alemães, deixarei de lado (mas não totalmente) nesta pesquisa, pois o foco deste trabalho será o contexto da operação na Itália. Não somente isso, pretendo investigar como foi a participação do Brasil neste *Teatro de Operações*, e qual foi seu *papel*. Como foi o convívio dos brasileiros com as outras tropas e nações? Quais as suas relações? Como os próprios

² BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 93.

³ Ibidem. p. 91-93.

⁴ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 39

brasileiros se viam no conflito? Teriam sido coadjuvantes ou protagonistas neste conflito? O que fizeram por lá?

A estas perguntas, pretendo respondê-las usando os relatos escritos pelos veteranos em seus livros de memória, as crônicas dos correspondentes de guerra e os jornais do período focados na ação dos expedicionários. Estas fontes serão retratadas no primeiro capítulo. O segundo capítulo fica a cargo de retratar a passagem dos expedicionários, seus feitos, dificuldades, vitórias e derrotas, e a relevância que tiveram para 5º Exército Americano e para a campanha na Itália em geral.

1.1 – Da memória dos brasileiros no Teatro de Operações da Itália

Ao iniciar a pesquisa, as fontes referentes ao brasileiro no solo italiano pareciam escassas, sobretudo no que tange seu cotidiano, suas opiniões e experiências vividas no *front*, atrás e além dele. No entanto, um leque de possibilidades de pesquisa se abriu com o achado de vários jornais, periódicos e relatos de ex-combatentes, além do pesquisado na bibliografia. Ocorre que há muito material preservado da época, apesar de que muito menos do esperado quando se trata de um tema dessa importância, ainda mais se tivermos em comparação a preservação da memória dos veteranos das outras nações envolvidas no conflito. Além disso, a acessibilidade delas está longe de ser ideal.

Quando se fala da participação brasileira na guerra, lidamos principalmente com o esquecimento. Este acaba por dificultar o acesso dos documentos que, desvalorizados, vão se perdendo, assim como os museus do expedicionário vão se fechando, ou perdem cada vez mais espaço, funcionando de forma precária. Quando estive (ou não estive?) em visita ao museu do expedicionário de Ribeirão Preto⁵, encontrei as portas fechadas, tanto em 2007, primeira vez que fui, tanto em 2012, última vez que averigui. Tendo somente a fachada da pequena casa, tão comum aos moldes do centro ribeirão pretano (estruturas velhas da metade do século passado que há muito não vê reformas), para tomar nota da memória da FEB nesta cidade, faz-me pensar que, durante a pesquisa, este cenário (alegórico), de portas cerradas, se repetiu diversas vezes. Parece a mim que o grande problema destes acervos se resume na dificuldade de acesso, pois não foi apenas desta vez que estive diante de “uma porta cerrada”, pois em diversas tentativas de se achar alguma fonte, estive impossibilitado de obtê-la, seja por quilômetros de distância, verba (alguns livros sobre os brasileiros na guerra, principalmente os escritos por veteranos, hoje já estão classificados como raros, valendo uma quantia desfavorável, quando possível encontrá-los), falta de informação e como no caso supracitado, portas de ferro bem literais.

Vale lembrar que a criação de alguns museus da FEB foram iniciativas de alguns poucos, geralmente veteranos, que possuíam interesse em preservar essa memória

⁵ Unidade Ribeirão Preto. Rua da Liberdade, 182. Campos Elísios – Ribeirão Preto - SP

(falarei mais disso abaixo). Ou seja, a criação deles nunca veio de um esforço coletivo (oficial), que lentamente ignora cada vez mais a participação brasileira neste, que foi considerado o maior conflito bélico da humanidade.

Ainda referente aos museus, estes não possuem, com exceção de alguns casos, sites divulgando as informações mais básicas, ou quando possuem têm dificuldade de mantê-los no ar, como no caso da unidade de campinas que se encontra desativado.⁶ Até mesmo a unidade de Curitiba que goza de uma boa reputação de um dos melhores e maiores acervos, possuindo seu próprio site de divulgação⁷, vêm perdendo espaço físico. “Até os anos 1990 ainda existia a sala “D”, que ficava no segundo andar. O espaço ficava em um corredor que ligava as duas alas superiores da casa e hoje é utilizado para atividades burocráticas.”⁸. Este espaço do museu era chamado de “‘espaço de lembrança’ ou ‘espaço do sofrimento’ existiam painéis com fotos referentes à morte na guerra, e também eram expostos equipamentos de soldados mortos. A sala ficava com a luz baixa, o que reforçava o clima fúnebre e a lembrança dos horrores e violência da guerra.”⁹ Segundo o autor do catálogo,¹⁰ a morte é assunto que o museu deixou de expor seguindo a tendência museológica do século XX, da qual se propõem a negação da morte e do sofrimento. No entanto, questiono se o fechamento da sala não provém de outra tendência dos museus do expedicionário que não encontra mais espaço no imaginário social dos próprios brasileiros, pois como o próprio catálogo organizado por Dennison de Oliveira cita:

Na praça em frente ao MEXP existe uma placa em granito preto com (...) a inscrição ‘Veteranos paranaenses mortos em combate na Itália’, onde lhes são prestadas homenagens. O que nos parece muito pouco para um assunto tão importante. O fato do espaço na praça dedicado a memória dos mortos servir eventualmente de estacionamento de automóveis de automóveis desvaloriza e desmerece aqueles que morreram em combate.¹¹

⁶ <http://aexpcamp.vilabol.uol.com.br> última visualização no dia 02/11/2015

⁷ <http://www.museudoexpedicionario.com> última visualização no dia 02/11/2015

⁸ VILLI, Tairon. **REPRESENTAÇÕES DA MORTE**. In: OLIVEIRA, Dennison de. Guia do Museu do Expedicionário. UFPR. Curitiba, 2012. p. 22

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Ibidem. p. 21

Este comentário sugere que os monumentos que outrora vinham a louvar os heróis de uma pátria, hoje são tão irrelevantes quanto os nomes das ruas de uma cidade brasileira qualquer.

Podemos, no entanto, encontrar ainda aqueles que combatem o esquecimento. Seus maiores interessados são, obviamente, as próprias forças armadas, os veteranos, seus parentes, acadêmicos e um grupo emergente de curiosos e entusiastas que se interessam pelo assunto. É possível encontrar por meio dos sites vinculados as Armas, homenagens prestadas aos veteranos, assim como notícias, principalmente em datas comemorativas, como o atual ano que escrevo, da qual se faz 70 anos do término da Segunda Guerra Mundial. Além das notícias e fatos mais triviais encontrados no portal da FEB, estão presentes no site não oficial da ANVFEB (Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira) uma gama de informações, que vão de depoimentos de ex-combatentes, até a fotografias e dados, que registram bem sua história e podem nos dar uma noção das experiências vividas no front.

A ANVFEB, é valido lembrar, não se trata apenas de uma sigla, essa organização possui a sua própria história que, juntando grandes esforços, formam um dos principais responsáveis por organizar um grande acervo de fontes e registrar a memória da FEB (e da FAB) mesmo com suas limitações. Antes chamada de Clube dos Veteranos da Campanha da Itália (C.V.C.I.) quando em 16 de julho de 1963 foi fundada, “é uma grande organização patriótica e cívica, cujos objetivos precípuos é relembrar os fatos da FEB e dar assistência aos pracinhas e familiares em seus direitos.”¹² Ela é constituída “por todos os ex-integrantes da FEB, FAB (1º Grupo de Caça), e das enfermeiras que participaram das operações militares na Itália, durante a 2ª Guerra Mundial.”¹³

Dentre os colaboradores da ANVFEB, destaco aqui a participação de Roberto Graciani (falecido no dia 19 de outubro de 2009), que dedicou parte de sua vida “no resgate da memória da Força Expedicionária Brasileira”. Filho de Raul Graciani, que lutou pela FEB no Teatro de Operações da Itália, não era militar ou reservista, mesmo

¹²<http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/>. Acesso em 20/10/2015. É propício comentar que há uma divisão no site entre o antigo e um novo. Enquanto o novo possui uma estética mais agradável ele se encontra com vários links quebrados que dificultam a navegação, além disso, muito do conteúdo do site antigo ainda não foi transferido para essa nova versão. Aconselho que o interessado busque maiores informações na versão antiga, pela riqueza do conteúdo. Aconselho que o interessado busque maiores informações na versão antiga, pela maior riqueza de conteúdo, assim como fiz em minha pesquisa.

¹³ Idem.

assim teve a iniciativa pela criação da página anvfeb.com.br.¹⁴ A página criada por ele compila uma quantidade de informações, tanto referentes à história dos pracinhas brasileiros e seus relatos, como dito acima, tanto quanto a respeito dos museus¹⁵, possuindo fotos e horários de funcionamento. É graças aos esforços de Graciani, que está em sua página criada em 15 de julho de 2000, a maior compilação de acervo *online*, sobre a participação brasileira na segunda guerra mundial, que encontrei em minha pesquisa.

Apesar de não ser atualizado desde 12 de outubro de 2011, o pesquisador pode achar bom conteúdo ali, no que se refere a tabelas, datas, cartas, fotografias, obras relacionadas à FEB, ou seja, um bom material de consulta ou para indicar fontes àqueles que estão a começar uma pesquisa. Apesar da estrutura precária, as informações encontradas são valiosas para se ter uma noção geral da FEB, ou mapear os eventos da participação brasileira no T.O. da Itália, ainda mais quando se tem uma grande quantidade de relatos dos veteranos¹⁶, que colaboram na pesquisa daqueles, que, como eu, não obtiveram a chance de entrevista-los pessoalmente.

Ainda se tratando sobre a disponibilidade de locais de memória na internet, saliento também a falta de documentação digitalizada. A maioria da documentação se encontra espalhada em vários acervos, muitas delas, na Biblioteca do Exército, mas estando em sua forma física. A Biblioteca do Exército, “principal divulgadora de narrativas sobre a FEB, publicou uma série de obras de autoria de antigos comandantes expedicionários que amiúde são reciprocamente críticas e contraditórias.”¹⁷ Isso se deve pela forma como o exército brasileiro concebe a história, pois, ao contrário do exército americano, não adota uma “narrativa oficial”, obtendo assim visões diferentes e divergências na construção da história militar nacional.¹⁸

¹⁴ <http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/>. Último acesso em 11/12/2015.

¹⁵ No endereço <http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/associacao.htm> pode-se encontrar as informações das associações, divididas por estado. Último acesso em 08/12/2015. No endereço <http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/museus.htm> encontra-se os principais museus da FEB, com fotografias, informações de localização, contato e, em alguns casos, horário de funcionamento. Último acesso em 08/12/2015.

¹⁶ http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/historias_de_pracinhas.htm. Acesso em 20/10/2015.

¹⁷ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 16

¹⁸ Ibidem. p. 16-17

As fontes mais abundantes e acessíveis são os jornais e periódicos. As mais recentes são alguns documentários que têm sido muito importantes em fazer circular os relatos de experiência de alguns veteranos e de algum grupo específico entre eles.

Começando pela *Senta Pua!*, documentário de 1999 baseado no livro de mesmo nome¹⁹, foi dirigido por Erik de Castro e tem como intenção mostrar os pontos mais relevantes do livro, assim como mostrar com as próprias palavras dos veteranos seus relatos e opiniões da guerra na Itália no ano de 1944-1945. A narrativa se passa em torno do grupo de pilotos da FAB do 1º grupo de aviação de caça vinculados ao 350º *fighter group*, das suas memórias do conflito e ainda conta com os relatos de alguns outros envolvidos com o grupo.

Mesmo o documentário sendo uma forma bem resumida e simples se comparado ao livro publicado em 1979, ele ajuda a preservar a memória deste grupo de pilotos expondo-as de forma simplificada e facilitando seu acesso. A sua importância ainda se faz mais relevante pois conta com uma das últimas entrevistas com os pilotos da FAB, sendo que o último veterano do grupo a falecer foi o Major-Brigadeiro José Carlos de Miranda Corrêa em 15 de setembro de 2013.

Erik de Castro também dirigiu em 2012 *O Brasil na Batalha do Atlântico*²⁰, documentário abordando a participação da marinha brasileira na segunda guerra mundial. Se a FEB e a FAB são cada vez mais esquecidas, a participação da marinha brasileira no conflito se tornou quase que inexistente na percepção popular atual. Sabendo disso, Erik de Castro, juntamente com os veteranos da marinha, mostra o quanto subestimado foi o conflito no Atlântico, ainda mais levando em consideração que dezenas de navios brasileiros foram afundados, levando à morte centenas de pessoas.²¹

Terminando a trilogia de documentário, Erik de Castro produziu em 2003 *A Cobra Fumou* sob a direção de Vinícius Reis. Dessa vez tendo em óptica a participação da FEB no teatro de operações da Itália, a produção traz as experiências de veteranos do conflito, assim como de alguns portadores de documentos da época e, além disso,

¹⁹ LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!** Rio de Janeiro, 2011. Editora Action, 4ª edição.

²⁰ *O Brasil na Batalha do Atlântico*. Erik de Castro. Keilla Pinheiro e Erik de Castro. BSB Cinema e Panda produções, 2012. Documentário de 2012, dirigido por Erik de Castro. 82 min.

²¹ CHAGAS, Honorato C. **O BRASIL EM GUERRA**: os preparativos, a arregimentação e o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para os campos de batalha na II Guerra Mundial. (1942-1944). 2015. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. p. 27-34.

ambiciona dar voz a figuras esquecidas que estiveram por muito tempo nas sombras da história.

A Major Elza Cansação Medeiros foi uma das entrevistadas. Primeira mulher a ingressar as forças armadas do Brasil (atuaram na Itália o total de 73 enfermeiras, entre elas, 67 pelo exército e 6 pela aeronáutica)²², foi enfermeira-chefe e oficial de ligação durante a segunda guerra mundial, mais especificamente no 16th. Evacuacion Hospital em Pistóia. Hoje, já falecida, acumulou imensa quantidade de feitos e títulos, muitos deles acadêmicos, tendo até se tornado membro da Academia Alagoana de Cultura.²³

No pós-guerra, ao chegar em solo brasileiro, presenciou a desmobilização da FEB, além do desamparo do Estado e, de certa forma, das próprias forças armadas, que licenciou-a do serviço ativo do Exército Brasileiro junto com todo o grupo de enfermeiras, já que não mais seria necessário o Destacamento Precursor de Saúde. Sendo assim, o exército perdeu um setor importante com integrantes experientes e treinados, fatores primordiais na manutenção de uma Força Armada atualizada e eficiente. Este caso não fica isolado, pois encontramos casos parecidos durante a desmobilização, como comentarei abaixo ao falar da FAB, mostrando que o Brasil deixou muito do aprendido se perder em seu retorno. Entretanto, haveria certa redenção em julho de 1957 quando

Por força da lei nº 3160 (...) as enfermeiras voluntárias da FEB que desejassem poderiam requerer sua reversão ao serviço ativo, no Serviço de Saúde do Exército, no posto de 2º Tenente. Elza, por ocasião da lei é convocada e, a 19 de setembro daquele ano, reingressa no Exército, ficando adida à Diretoria Geral de Saúde.²⁴

Neste intervalo de tempo, escreveria também seu livro contando um pouco a trajetória da FEB na Itália: *Nas Barbas do Tedesco*, escrito em 1955 e posteriormente escreveria outros: *E Foi Assim que a Cobra Fumou* de 1987 e *Eu Estava Lá* de 2001. Na questão da manutenção da memória da FEB, Elza foi imprescindível, pois além de narrar suas memórias do conflito nos livros citados acima, criou o museu da segunda

²²<http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/>. Acesso em 20/10/2015.

²³ Idem.

²⁴ Major Enfermeira Elza Cansação Medeiros. Disponível em <http://www.anvfeb.com.br/major-enfermeira-elza-cansacao-medeiros/>. Acesso em 20/10/2015.

guerra mundial em Maceió, criado com toda a documentação e equipamentos do conflito, mas com foco maior vinculado a FEB.

1.2 – Dos Jornais e Periódicos

No T.O. da Itália, os praças brasileiros eram envolvidos por muitos perigos: seus inimigos declarados, os alemães e italianos partidários do fascismo de Mussolini, as adversidades do tempo, a neve e a lama, e aquele que é o flagelo de toda tropa, o moral baixo. O moral pode fazer uma boa tropa bem treinada e equipada estar aquém de sua performance e lutar para que se mantivesse sempre em alta era desejo e obrigação de todo oficial. É comum vermos, no entanto, que o início do confronto dos praças brasileiros era de frentes bem estabelecidas e difíceis de se tomar num “golpe de mão”²⁵, quando então se formava alguns momentos “ociosos”. Nesses momentos, entre uma patrulha ou outra, entre os operadores dos obuses, sempre seguindo seus cronogramas, na vigília do praça que passava horas a olhar para os bosques e colinas e muita neve quando se estabeleceu o inverno, nessas horas, que o inimigo não vinha dar com armas pessoalmente, o terrível tédio se fazia presente.

O tédio era terrível para o bem-estar da tropa, mas igualmente terrível era seu outro extremo: o combate. O combate era estressante por si só, mas ele também trazia baixas, e perder o companheiro morto destruía o moral de qualquer soldado. Nessas horas era comum estes homens voltarem seus pensamentos para o lugar onde tinham paz e os sons da cidade ou do campo ainda não tinha sido trocados pelo som da artilharia: sua terra natal.

A segunda guerra trouxe muitas particularidades e inovações para o campo de batalha e diferente da primeira, houve uma preocupação com o estado mental das tropas. Os oficiais sabiam que não apenas suprimentos fariam ganhar a guerra, mas o estado de espírito do soldado comum, estando ele saudável ou, se possível, elevado faria toda a diferença no combate entre forças equilibradas.²⁶

Passando por esse raciocínio, havia aqueles que lutavam para destruir o moral inimigo e isso era feito pela espionagem e pela propaganda tão fortemente utilizada nessa guerra, e principalmente pela Alemanha “proibindo a verdade – com a mais negra

²⁵ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 81

²⁶ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 219-230.

das censuras – e espalhando a mentira – com a mais audaciosa das propagandas – o fascismo procurava incutir ódios e paixões guerreiras.

Neste setor, onde as palavras são a maior força, “a imprensa não funciona apenas na retaguarda, nestas guerras de hoje. Ela não cuida apenas do ‘front interno’: ‘ataca’ o inimigo, saltando sobre suas linhas.”²⁷ As trincheiras não eram apenas bombardeadas pelas granadas ou pesados e frequentes disparos dos obuses, também eram nelas jogadas jornais e folhetins. Neles, continham, já no idioma apropriado a quem queria-se dirigir, palavras que vinham dissuadir o soldado a se render ou mesmo refletir sobre sua posição naquela guerra, e assim afetar seu moral. O soldado alemão recebia a sua parte, e estando no final de 1944 em retirada, cada vez perdendo mais posições, tanto ali no T.O. da Itália, quanto na frente ocidental e também no leste europeus para a força agora imparável da União Soviética, estava ainda mais suscetível às palavras ludibrias da propaganda. Segundo o correspondente de guerra Rubem Braga:

São escritos em alemão (os jornais e folhetins noticiosos e informativos) e lançados em abundância sobre as linhas alemãs. As autoridades aliadas da ‘guerra psicológica’ redigem esses jornaizinhos com o maior escrúpulo, dando notícias exatas da marcha da guerra. Que eles são lidos, são. Mais de uma vez foram apreendidos exemplares no bolso de prisioneiros alemães. Volantes (jornaizinhos) preparados pelos brasileiros (...) também têm sido lançados do lado de lá. Soldados inimigos que desertaram para as nossas linhas tiveram o cuidado de trazer consigo o pedaço escrito em várias línguas e que funciona como ‘salvo-conduto’ para o homem que deseja se entregar²⁸

A propaganda alemã também revida nos mesmo termos, e dispara essa mesma arma jogando seus próprios jornais e folhetins, cuja maioria, segundo Rubem Braga, é escrito em língua inglesa e muito bem impresso. Em sua crônica intitulada “Imprensa de Trincheira”, ele comenta ter encontrado dois desses folhetins, um em inglês voltando para os americanos e outro em português voltado para os brasileiros. Na primeira, como em outros da série, “apresenta uma linda jovem universitária americana com uma perna para o céu e um sorriso nos lábios. A legenda concita o soldado a olhar bem para aquilo – porque com toda certeza será a última vez que ele verá imagem tão interessante.”²⁹ No

²⁷ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 115.

²⁸ Ibidem. p. 116

²⁹ Idem

verso da propaganda ainda se encontra as perspectivas do soldado que pretende continuar a luta: “ser morto, ficar inutilizado ou ir parar em um campo alemão de prisioneiros de guerra. No último caso – diz a legenda – ele terá ainda uma chance de algum dia ver uma pequena como aquela.”³⁰

Segundo Braga, estas propagandas voltadas aos americanos acabam por cair também nas trincheiras brasileiras, que poucos entendiam a língua estrangeira, mas acabava por entreter os praças. Acabava que estas propagandas tinham seu efeito contrário para aqueles que não entendiam seu significado ao ponto que um sargento brasileiro entrevistado por Braga colecionava desses folhetos e chegou a dizer: “- Não entendo o que está escrito, mas (...) os ‘fritz’ podiam jogar mais disso para a gente”.³¹ Quanto aos folhetins dirigidos propriamente para os brasileiros, os alemães foram “pouco gentis”, pois eram feitos em papel de qualidade muito inferior, sem cores e sem ilustrações. Neles, Braga ainda diz que misturavam-se a primeira e terceira pessoa em um português bem descuidado: “‘porque é que ‘vocês’ abandonaram a ‘vossa’ terra, cheia de sol e radiante...’. Diz que a guerra será para nossos homens cada vez mais dura ‘porque nós, soldados alemães, defendemos tenazmente e com pertinácia cada metro da nossa frente’”³²

No *front* brasileiro tornou-se frequente os desertores alemães e seu número só não era maior por causa do medo que tinham por suas famílias, que eram severamente punidas caso soubessem (o alto escalão alemão) do ato antipatriótico. Para os oficiais da inteligência, estes que vinham se render era a confirmação que a propaganda era eficaz e seus resultados estavam nos números. Para Rubem Braga, no entanto, a atitude de um desertor “não foi, certamente, fruto de nossa propaganda. O que agiu sobre ele foi a perspectiva de mais sofrimento e talvez a morte em uma guerra sem esperança: foi a terrível e incomparável propaganda dos fatos, que, acerta altura, acaba por impressionar mais que todas as palavras...”³³

Para se defender da propaganda inimiga e tudo que se afeta o moral, foram criados os jornais e periódicos para as tropas. Se os folhetins jogados aos inimigos eram a espada, os jornais brasileiros criados para informar a própria tropa eram o escudo. Ao

³⁰ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 116.

³¹ Ibidem. p. 117.

³² Idem.

³³ Ibidem. p. 119

mesmo tempo que protegia os soldados de qualquer desinformação inimiga, dava à eles algo para se ler, entreter e saber o que se passava no Brasil, já que as correspondências demoravam para ir e voltar e não supriam mais essa função.³⁴

Dos jornais e periódicos brasileiros que corriam no T.O. da Itália, o mais procurado era “O Globo Expedicionário”, jornal semanal que era enviado com notícias e fatos do Brasil. Trazia ainda notícias de outras frentes, mensagens dos principais líderes da guerra, as novidades futebolísticas, que ocupavam uma folha inteira das costumeiras sete que compunham o jornal, e, ocupando uma parte considerável do jornal estavam as mensagens de parentes e amigos. Esta última seção, talvez explicasse a preferência dos praças pelo “o Globo Expedicionário”, já que era uma possível oportunidade de se ver as palavras de amigos e parentes que não vinham pelas cartas, tão costumeiras e frequentes nas tropas americanas.³⁵

Sua primeira edição foi lançada em 7 de setembro de 1944 e sob a direção de Roberto Marinho e perdurou até o fim do conflito com a edição de número 37, lançada no dia 23 de maio de 1945, que trazia considerações finais sobre a guerra que terminara. Sua missão, nas palavras dos próprios editores, ainda na primeira folha da primeira edição:

(...) se destina a ser uma imagem gráfica do Brasil nos campos de batalha da Europa, levando periodicamente aos nossos bravos soldados combatentes, e sem qualquer ônus para eles ou para o Estado, o máximo possível da presença da pátria através dos acontecimentos mais palpitantes na sociedade, nas artes, nas letras, nas ciências, nos meios militares e da administração, e sobretudo nos próprios lares e círculos de relações afetivas dos que se encontram no “front”. Mensagem de estímulo e de conforto em que a própria saudade será uma expressão de altivez e confiança. O GLOBO EXPEDICIONÁRIO há de constituir no teatro da guerra e até que de lá retornem nossos valorosos patrícios – assim o desejamos – um verdadeiro mapa dos mais ternos e mais nobres sentimentos brasileiros.³⁶

³⁴ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p.. 289.

³⁵ O Globo Expedicionário. **O GLOBO EXPEDICIONÁRIO**. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1944. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=177415&PagFis=2&Pesq=>. Acesso em: 08/12/2015.

³⁶ **O GLOBO EXPEDICIONÁRIO**. Ano 1. n 1. p. 1.



Imagem 1: Expedicionários compartilhando um exemplar do "O Globo Expedicionário".³⁷

Em alguns momentos que o expedicionário ficava até 30 dias sem receber qualquer correspondência, (elas estavam sendo escritas,³⁸ e em grande quantidade, tanto pelos que estavam no Brasil quanto por aqueles na Itália) O Globo Expedicionário trazia esse alento, que somente as notícias do lar podia dar. Em suma, trazendo as palavras de familiares e amigos e as novas dos campeonatos de futebol, fazia muito bem aquilo que propôs: ser uma “mensagem de estímulo e conforto” e isso era o que brasileiro mais precisava naquele momento, lutando tão longe de casa.

Inspirados por sentimentos e motivações parecidas que vieram a formar o “O Globo Expedicionário” e levando em consideração o apreço que as tropas tinham pelos vários periódicos criados dentro das próprias unidades, o Q.G. da Força Expedicionária Brasileira, com o apoio do general Mascarenhas de Moraes, criam o Cruzeiro do Sul, periódico escrito pelas próprias tropas para as tropas.

Esse fator, aliás, é o que diferencia os dois periódicos supracitados: enquanto o primeiro era escrito pelos residentes do Brasil para os que estavam na Itália, o segundo era escrito e lido entre aqueles que estavam no T.O. da Itália. A produção de um

³⁷ **O GLOBO EXPEDICIONÁRIO**. Rio de Janeiro. 21 de setembro de 1944.

³⁸ BRAGA, Rubens. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p.88.

periódico pela própria tropa sugere que dentre os homens que formaram o corpo da FEB e da FAB, o grau de alfabetização das tropas brasileiras não era de forma alguma baixa. Muito pelo contrário, era elevado, ainda mais se comparado ao quadro geral do Brasil, o que não somente os tornava ávidos leitores, mas também escritores.

Tabela 1. Grau de instrução de infantess da FEB (amostra de 215 expedicionários pertencentes aos três R.I).³⁹

Superior (inclusive oficiais)	7,0%
Secundário	23,3%
Primário	69,7%

Segundo Cesar Campiani Maximiano,

Em termos de origem dos soldados, a FEB, portanto, não refletia os aspectos demográficos do Brasil dos anos 40. É possível constatar que o Exército recrutou intensamente nas capitais e em cidades do interior de médio e pequeno porte. Era nas cidades que se encontravam os homens instruídos e em boas condições de saúde dos quais o Exército precisava para formar um contingente apto a combater na guerra moderna (...).⁴⁰

O fato das tropas terem escrito uma quantidade gigantesca de cartas, o apreço que tinham pelos periódicos e a escrita de suas memórias no pós-guerra, também demonstram o grau de formação da FEB. Para somar a isso, havia em um dos jornais de trincheira, o *...E a Cobra Fumou*, uma coluna especial chamada “poetas do foxhole” que era escrita por vários soldados em colaboração com o jornal.⁴¹

O Cruzeiro do Sul, no entanto, recebia uma abordagem mais geral das tropas, não focando unicamente nos assuntos das unidades, mas trazendo notícias das frentes em todo o globo, elaborando sobre elas e anunciando a vitória que já parecia próxima. A primeira edição foi lançada no dia 3 de janeiro de 1945, momento em que se inicia grande avanço da parte aliada. Também era muito comum em seus números, trazer palavras dos principais líderes aliados direcionados à FEB, sendo o General Mark

³⁹ Tabela elaborada por Cesar Campiani Maximiano a partir dos cadastros de 215 veteranos da FEB contidos no arquivo da AECB – São Paulo.

⁴⁰ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 61.

⁴¹ Ibidem. p. 55.

Clark, general Mascarenhas de Moraes e general Truscott alguns deles. Fica muito claro que os editores do jornal estão muito bem informados do que ocorre do conflito pelo mundo, pois há muitas reportagens cobrindo vários pontos específicos da guerra, como a ocupação soviética na Finlândia, as políticas internas dos Estados Unidos e de tantos outros países da Europa.

Apesar do panorama internacional do periódico, havia uma pequena coluna que vinha na contramão. “Cartas do Brasil” trazia crônicas escritas pelo Cabo José César Borba, que usando as cartas enviadas pelos brasileiros ao endereço do jornal, formulava seu texto trazendo as experiências que vinham do lar brasileiro até o foxhole na Itália. O proeminente se faz notar em suas crônicas, são as histórias vividas entre os vários remetentes, que traziam um sentimento de pessoalidade, que podia ser identificado por todo praça brasileiro e certamente os inspiravam.

Muito comum entre os periódicos feitos durante a segunda guerra mundial, era a presença das madrinhas de guerra. Como já dito acima, o soldado precisava de cartas, era quase tão necessário quanto quaisquer outros víveres. Se não houvesse cartas, não havia motivação. Sabendo disso, foi muito comum no Brasil, o estímulo para que as mulheres se tornassem madrinhas de algum expedicionário. As madrinhas, mantinham correspondência com os soldados que, quase na totalidade dos casos, não se conheciam. Através das cartas, davam seu suporte moral, que todo soldado precisa, mas também era realizado o suporte material, tanto para este, quanto para a sua família.

Em uma das crônicas, nomeada “A Madrinha de Maciel”, o cabo Borba fala sobre a madrinha Neusa Pinto. Neusa é uma

(...)moça de dezenove anos e, como boa madrinha, está sempre pensando no afilhado que conheceu poucos dias antes dele embarcar para a Itália. Oferece-lhe dentifrício, sweater, sabonete, cigarro, chocolate, papel de carta: tudo o que um expedicionário precisa para sua gulodice, o seu conforto e sua correspondência com o Brasil⁴²

As Madrinhas, não davam apenas o alento espiritual com seus dizeres nas cartas, elas também enviavam vários itens materiais, para o bem-estar do afilhado. Mas não

⁴²O CRUZEIRO DO SUL. 7 de janeiro de 1945.

apenas o afilhado recebia: a madrinha muitas vezes dava e recebia o apoio e agradecimento da família do pracinha, como podemos ver na continuação do texto do cabo Borba:

Neusa Pinto não se limita a escrever para a Europa, escreve também para Minas Gerais. (...) Num intercâmbio afetoso, recebe de Minas Gerais receitas de requeijão, que lhe manda a família de seu afilhado. Estabelece-se, deste modo, uma boa amizade entre pessoas que nunca se viram, mas têm, agora, uma gratidão recíproca e um pensamento comum: o soldado Maciel, que atravessou o oceano para lutar por um mundo melhor.⁴³

Em uma entrevista para “O Globo Expedicionário” também vemos um caso parecido, dessa vez com a madrinha Lenita Simões Sampaio, de 15 anos, que também se voluntariou como madrinha. Ela conta que escreveu para um combatente e que espera pela sua resposta “para enviar a seu afilhado aquilo que for mais útil”. Assim como no caso de Neusa, Lenita também oferece apoio para a família do expedicionário: “Também ofereci meus poucos préstimos (...) no sentido de proporcionar, ainda a família do meu afilhado, a assistência espiritual e social que for necessária.” Assim como os casos dessas madrinhas, havia muitas outras que seguiam com estes exemplos, sendo que os jornais deste período de guerra estavam sempre a apoiar ou até mesmo pressionar para que mais mulheres aderissem a esta prática.⁴⁴

Cabo Borba, assim continua em sua crônica:

A correspondência continua. Como esta, muitas outras. Do outro lado do oceano, atrás das águas que atravessamos há alguns meses, as nossas madrinhas velam por nós, tecem agasalhos, compram caixas coloridas para arrumar os chocolates, procuram os cigarros da nossa predileção e pedem a Deus que voltemos depressa e que voltemos solteiros para que elas, madrinhas de guerra, possam ser algum dia também madrinhas de casamento, madrinhas de paz...⁴⁵

Indispensável para a sanidade mental do pracinha. Ele precisava ler e precisava escrever, precisava entrar em contato com sua gente, seus patrícios, mas acima de tudo, nenhum brasileiro deveria ficar sem cartas. Assim, poderia manter o moral elevado e, conseqüentemente, ter maior efetividade no combate, ou no seu ofício na retaguarda.

⁴³ O CRUZEIRO DO SUL. 7 de janeiro de 1945.

⁴⁴ O GLOBO EXPEDICIONÁRIO. Rio de Janeiro. 21 de setembro de 1944.

⁴⁵ O CRUZEIRO DO SUL. 7 de janeiro de 1945.

1.3 – Dos correspondentes de guerra e dos livros de memória.

Muito do que se tinha notícia no Brasil do que vinha ocorrendo na Itália durante o conflito, vinha do correspondente. Os jornais do período estavam sempre comentando sobre a guerra, não faltaram manchetes com o nome FEB ou brasileiros na Itália. As grandes vitórias brasileiras não deixavam de aparecer estampadas nas principais colunas. Mas eram notícias da FEB, notícias do Monte Castelo, notícias do Regimento Sampaio, mas estas não traziam as experiências que o expedicionário vivia, nem a sua rotina, muito menos as suas condições.

Para esse papel, de relatar a rotina do pracinha e informar como era a guerra dentro de uma trincheira, foram enviados os correspondentes de guerra. Agora, estes correspondentes não foram parar na Itália com facilidade. Com muito custo conseguiram pisar em solo italiano. Ocorre que em pleno Estado Novo, não era oportuno para Getúlio Vargas ter os jornais seus próprios correspondentes. Para ele, assim como para Lourival Fontes, chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a Agência Nacional era o bastante para cobrir jornalisticamente a guerra, pois assim ocorreu que somente os jornalistas, fotógrafos e cineastas da Agência Nacional foram com o primeiro escalão da FEB. Os outros viriam com muita insistência e pressão.

Para piorar o contexto para os jornais que queriam mandar seus correspondentes para o *front*, o ministro da guerra, Eurico Dutra⁴⁶ também se posicionou contrário ao envio. Para ele “só iriam atrapalhar”. Assim,

Roberto Marinho e Herbert Moses, diretores de O Globo; Assis Chateaubriand e Austregésilo de Athayde, dos Diários Associados; e Horácio de Carvalho, do Diário Carioca (...) não se conformaram. Queriam mandar seus próprios correspondentes.

⁴⁶ Há implicações que Dutra foi contra não somente ao envio de correspondentes, mas também o envio e a formação do grupo das enfermeiras, além disso se mostrou muito contrário a formação da FEB em si. Se não a atrapalhou em sua formação, no mínimo se omitiu (MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 39).

Consequentemente a indignação dos diretores dos jornais mais influentes da década de 40 no Brasil, uma guerra de dois meses se formou entre imprensa e Estado, que só viria a terminar com o ultimato dos jornais: “Ou mandamos nossos próprios correspondentes ou não publicamos nada do DIP referente a FEB. Usaremos apenas o serviço das agências internacionais”⁴⁷. E dessa forma partiram os correspondentes com o segundo escalão, em setembro de 1944.

Mas a vida do correspondente não foi um passeio no parque, como muitos jornais e opiniões populares afirmaram⁴⁸, assim como o início foi cheio de conturbações, o íterim também estava cheio de obstáculos. Para Rubem Braga, cronista pelo Diário Carioca, um dos maiores problemas era “*ter um governo ditatorial, com tendências fascistas e cheio de quinta-colunistas, a fazer uma guerra ao lado das potências democráticas.*”⁴⁹ Em raros pontos das crônicas de Braga e de Joel Silveira, cronista pelo Diários Associados, apontam levemente o contexto paradoxal que se fazia estando o Brasil, ditatorial, lutando pela democracia e a libertação dos países dominados pelo fascismo.

Havia muito o que falar desse contexto, e estando frente a frente com as tropas nazi-fascistas, dava todo o espaço necessário à inspiração e a formulação de críticas ao estado da política brasileira, como pode ser visto na crônica “No Palazzo Venezia”⁵⁰ de Braga, em que exprime seu desdém pelo *Duce*, que no palácio visitado fazia seus famosos discursos, e clama pelo ato de libertação que fazia os praças brasileiros naquele país tão castigado pelo governo fascista.

No entanto, havia espaço para falar de fascismo e nazismo apenas quando se falava de Mussolini ou Hitler, pois não havia palavras que pudessem tocar o Estado Novo de Getúlio Vargas. Tão comum quanto nos países que o Brasil combatia, este também estava sob forte censura e essa foi a pedra no sapato do correspondente. Ao comentar sob suas experiências, já no pós-guerra, Rubem Braga lembrava que em certo momento estiveram sob “*o peso de três censuras, das quais apenas uma era legítima e razoável.*”⁵¹ Esta censura, legítima e razoável, seria provavelmente a realizada pela própria FEB, para que, caso as correspondências caíssem em mãos inimigas,

⁴⁷ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 17.

⁴⁸ **O CRUZEIRO DO SUL**. 10 de janeiro de 1945.

⁴⁹ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p.7.

⁵⁰ Ibidem. 94.

⁵¹ Ibidem. p. 6.

informações táticas não fossem reveladas. Consequentemente é muito comum encontrar nas crônicas dos correspondentes, uma ausência de datas e locais exatos.

Não apenas a censura de imprensa sabotou o trabalho dos correspondentes, mas também se tornou muito comum, mas se limitando principalmente às primeiras semanas que estiveram no T.O. da Itália, o clima de desconfiança entre os oficiais da FEB e os jornalistas que ali vinham cobrir seu trabalho. O comando da FEB se via muito reticente em passar qualquer informação para os correspondentes, faziam pouca conversa e visivelmente os viam como intrusos. Sempre esquivos às perguntas disparadas, fazia-se claro o incomodo que havia nesta relação, só respondendo àquilo perguntado através de muita insistência. Joel Silveira explica que esta frieza toda se dava pois

Lá na Itália, no começo, os correspondentes tiveram de enfrentar um outro inimigo, além do frio e dos alemães. Tivemos de vencer a frieza e mesmo a desconfiança (que nunca chegou a uma declarada hostilidade) do próprio comando da FEB. O pessoal mais graduado, no QG avançado de Porreta-terme, no início nos recebeu quase como se fôssemos intrusos. (...) Explica-se: afinal éramos, ali, representantes de uma imprensa que, embora vigiada de perto, pela inclemente censura do DIP, jamais se mostrara, por vontade própria, simpática ao Estado Novo. E que sempre que podia, e isso raramente se dava, deixava entender nas entrelinhas ou indiretamente sua insatisfação com a situação política que imperava no Brasil naqueles dias.⁵²

Com o tempo, através de muito esforço e dialogo, este clima de inimizade foi se desfazendo, pois o alto comando da FEB foi gradualmente percebendo que os assuntos daqueles correspondentes não eram com a *política*, mas sim dar notícia das ações da FEB, como explica Joel Silveira:

Com tato, muita paciência (e também muita paciência) e persistência, aos poucos fomos vencendo aquela frieza sem sentido. Procuramos deixar claro que estávamos ali não para fazer ou falar de política, mas apenas pra recolher a mandar para o Brasil notícias referentes à ação da FEB.⁵³

⁵² SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p.17.

⁵³ Idem.

No momento em que os oficiais da FEB viram os primeiros despachos escritos nos jornais, se convenceram que estavam lá para ajudar, e não atrapalhar como muitos acreditavam. Assim, após esse breve momento de pouca receptividade, o alto comando da FEB se tornou muito mais amistoso, chegando a se tornar até bem amigável após o encontro dos correspondentes com o general Mascarenhas de Moraes no início de janeiro, “*daquele dia em diante, o general Mascarenhas passou a nos tratar como amigos, e muitas vezes era ele próprio quem nos convocava para falar coisas que devíamos saber.*”⁵⁴

Ainda a somar com as vicissitudes destes jornalistas de campo de batalha, Rubem Braga comenta sobre o governo ditatorial de Vargas, da imprensa pesada e de toda a desconfiança inicial, e que os correspondentes brasileiros não dispunham das mesmas facilidades de informação e de transporte que havia em outras unidades aliadas. Estas, na maioria dos casos, eram dadas pela boa vontade do comando da FEB. Assim, não raro os correspondentes perdiam oportunidades valiosas, ou por não saberem dos ocorridos ou por dificuldade de transporte.⁵⁵ Essa situação só iria melhorar em meados de janeiro de 1945, quando se fez boa relação com o comando da FEB.

Apesar dos problemas apresentados, os correspondentes, ao contrário do clima de inimizade com o alto comando, tinham com aqueles abaixo do posto de capitão uma relação muito amistosa. Sempre que chegavam a algum *front* eram vistos com muita curiosidade e ansiedade, pois pensavam que alguma coisa estava por vir, mesmo que acabassem apenas sentados olhando a neve cair.⁵⁶ Não era certo que alguma coisa fosse acontecer, mesmo estando no *front* mais avançado, sendo o tédio muito comum nessas longas esperas. Era comum também que os tenentes oferecessem passeios para mostrar como estavam as tropas em seus postos, “*onde barbudos cabos e pracinhas se mantinham firmes – e por dias seguidos – em suas trincheiras e foxholes (abrigos individuais), com a metralhadora sempre alerta.*”⁵⁷

A chegada de um correspondente em algum *front* sempre era vista com bons olhos pelos expedicionários, não à toa, pois traziam para os entediados e entrincheirados pracinhas, as últimas notícias, além de

⁵⁴ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva . p. 18.

⁵⁵ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 6.

⁵⁶ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 15.

⁵⁷ Idem. p. 15.

jornais do Brasil, já velhos de vinte dias, um mês, mas que eles devoravam como se fossem pão saído do forno. Levávamos cartas que nos haviam sido entregues no serviço postal de Porreta-Terme; e Squeff distribuía fartamente exemplares de O Globo Expedicionário, que tanto sucesso faziam ali no front e que eram disputados com avidez e passados de mão em mão, depois de lidos e relidos.⁵⁸

Para tornar a presença do correspondente ainda mais agradável para os pracinhas no *front*, acabam também por fazer diversos *favores*, que os aproximavam da tropa. Era muito comum que batessem à máquina alguma carta para os praças, ou então fazer o serviço de carteiro levando suas correspondências para os censores do QG avançado.

Egydio Squeff, correspondente do jornal *O Globo*, e Joel Silveira, muitas vezes, por terem acesso livre aos telégrafos (estes, para serem feitos por qualquer outro, eram pagos diretamente com o soldo e por não ser um serviço barato, os praças usavam pouco, mas quando faziam eram mensagens muito breves, geralmente três frases, para não gastar muito), passavam coletando mensagens nas frentes de combate, assim podiam mandar para o Rio de Janeiro e no dia seguinte já estariam publicadas nos jornais, *O Globo* e no *Diários Associados*. Fazendo assim facilitavam o diálogo entre o praça e seus patrícios, sempre ávidos por qualquer notícia que revelasse suas condições. Na avaliação dos próprios correspondentes,

Era um bom serviço aquele que prestávamos, principalmente quando se tem em conta que uma carta escrita do front não levava menos de um mês para chegar ao destinatário, isso se ele morava no Rio ou em São Paulo. Para chegar ao interior de Pernambuco, já calcularam?⁵⁹

Se para o praça, o correspondente era uma figura querida e importante, o serviço que prestaram foi imprescindível para se entender melhor a FEB. Apesar das crônicas representarem suas opiniões pessoais sobre o contexto em que se encontrava a FEB, em muitas crônicas dão voz aos brasileiros, italianos, refugiados e os *partigiani*, e até mesmo os alemães, quando estes eram capturados e entrevistados. Em uma das crônicas

⁵⁸ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 15.

⁵⁹ Idem. 16.

de Rubem Braga, *Impressões de moça*,⁶⁰ ele entrevista uma italiana, que conviveu entre alemães, americanos e brasileiros, dando seu depoimento sobre estes e como seu deu o convívio. Ao terem entrevistado e convivido entre os homens e mulheres das diversas nacionalidades, os correspondentes revelam as interações ocorrida entre eles.

Além de apresentar o soldado brasileiro dentro de sua rotina, possuíam a liberdade (ainda que limitada se comparado aos correspondentes das outras nações aliadas) de observar os vários locais que constituíam o palco da guerra. O Q.G. da FEB, o serviço de inteligência, a agência de correios, os hospitais de campanha, a divisão ELO (Esquadrilha de Ligação e Observação), a FAB, o foxhole do pracinha, a posição das peças de artilharia, a tomada do Monte Castelo, uma taberna abrigando os combatentes formam um mapa muito bem detalhado das experiências vividas pelo soldado brasileiro no teatro de operações da Itália, são alguns dos lugares visitados pelos correspondentes.

Para se entender o que brasileiro passou neste conflito, suas cartas poderiam revelar muito: o que sentiam, o que achavam da guerra, o que pensavam de si e do inimigo neste conflito. No entanto, a forte censura impedia que fossem registrados muitos detalhes. Muitas das cartas acabavam sendo apenas uma breve saudação, um desejo de boa saúde e chance de dizer que ainda estavam vivos, como podemos observar na seguinte carta:

Itália; em 15-1-1945

Saudações.

Bom Titio Antonio,

Espero que ao receber esta o sr. e todos estejam gozando a mais perfeita saúde.

Quanto eu aqui, vou indo bem graças ao bom Deus.

Titio, estamos passando uma temperatura bem diferente do Brasil. Aqui há muita neve: é pra nós um tanto esquisito ver a terra coberta de neve; mas quanto à temperatura que ela causa; devido nossos bons agasalhos nós não a sentimos.

Também já andei em diversos lugares da Itália; alguns muito interessantes; mas não tão belo como o Brasil.

Termino enviando abraços aos primos e prima.

Ao Titio e Titia, abraços; e abençoem o sobrinho.

*Antonio Amaru*⁶¹

⁶⁰ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 300-307.

⁶¹ Carta do Expedicionário Antonio Amaru. Itália, janeiro de 1945.

Nota-se pela carta de Amarú que tudo parece correr bem, até mesmo a neve não passa de algo pouco incômodo da qual os agasalhos acabam resolvendo o problema. Mas o que Amarú não conta em sua correspondência é que haviam acabado de fracassar na tomada de Monte Castelo, a segunda derrota no local, em 12 de dezembro de 1944.⁶² Além disso, apesar de falar da neve, não comenta que este período marca um dos momentos mais frios da campanha.⁶³

Ocorre que as tropas tinham, além de uma forte censura, as recomendações impostas pelo Exército que acabavam limitando agressivamente o conteúdo das cartas, que deveriam seguir as regras contidas nos manuais do expedicionário. De acordo com esta regulamentação

era proibido tratar de assuntos como efetivo, eficácia, moral, organização de forças, armamento, equipamento, planos e previsões para operações futuras, condições de rodovias, posição ou descrição de aquartelamentos ou acampamentos, resultados da ação inimiga, quaisquer tipo de crítica, códigos, cifras e estenografia. Adicionalmente, o manual recomendava que não se dessem informações desnecessárias às famílias, no intuito de evitar que criassem impressões negativas.⁶⁴

Em função de todas essas regras, as correspondências se tornavam extremamente sucintas e limitadas, usando geralmente de eufemismos para descrever o momento e dificultando a compreensão do contexto vivido pelo brasileiro na campanha da Itália. Mesmo estando sob uma censura *similar*, além da constante censura da DIP, os correspondentes, ainda assim, mostraram ter mais liberdades. É possível encontrar passagens em seus textos descrições detalhadas de locais e posições ou ainda revelação de datas e conflitos, detalhes que certamente barrariam qualquer correspondência comum.

Para demonstrar essa *situação* podemos ter por base a crônica de Joel Silveira intitulada *Monte Castelo é Nosso*⁶⁵, onde descreve passo a passo (incluindo localidades, unidades envolvidas, datas e até as horas específicas dos eventos) como foi a tomada

⁶² MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 100.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Ibidem. p. 98.

⁶⁵ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 93.

desta poderosa posição defensiva, em 21 de fevereiro de 1945, que era o flagelo da FEB. Nota-se também, que Joel foi informado que estes eventos estavam para ocorrer pelo major Sousa Júnior, isso dentro de uma conversa informal, demonstrando a amizade que fortaleceu entre correspondentes e oficiais; caso contrário esse momento acabaria sem esta narração.

As crônicas de Rubem Braga podem ser encontradas no livro *Crônicas de Guerra*, que é um compilado dos textos que enviou para o Diário Carioca enquanto esteve como correspondente no Teatro de Operações da Itália. Mesmo estando limitado exclusivamente à via aérea (suas crônicas demoravam o mesmo tempo que uma correspondência normal levaria para chegar ao Rio de Janeiro) Braga escreveu uma grande quantidade de crônicas narrando os vários pontos que os brasileiros passaram, ou até mesmo sobrevoaram, sem se limitar pela precariedade do transporte dos correios. Infelizmente, este livro não contém todas os textos de Rubem, pois alguns poucos foram extraviados ou se perderam no transporte, que não era, de forma alguma, seguro. Braga, não comenta sobre, mas a censura retornava algumas crônicas, como revela Joel Silveira:

Uma das coisas mais ou menos incômodas que acontecem com os correspondentes, aqui na frente, é que não os deixam revelar conversas tidas com nazis presos. De vez em quando, com o pretexto de tentar pegar a censura desprevenida, envio aí para o Brasil entrevistas com prisioneiros alemães. Mas o tenente Roberto Boavista, o nosso censor adido ao 5º Exército. É aritmético na devolução das mesmas, que voltam a mim sempre acompanhadas de bilhetinhos alegres onde se explica que “não pode ser”. De maneira que o leitor brasileiro fica prevenido de que, se não tem visto reportagens minhas com prisioneiros *tedescos*, a culpa é exclusivamente da censura. Material é que não falta.⁶⁶

Ao tencionar ir para a Itália, Rubem Braga não tinha planos grandiosos para seu trabalho como correspondente. Sua vontade não era fazer uma história que “interessasse aos técnicos militares, mas uma narrativa popular, honesta e simples, da vida e dos feitos de nossos homens da Itália. Uma espécie de crônica da FEB, à boa moda

⁶⁶ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 104. As entrevistas com prisioneiros, mesmo sendo raras, podem ainda serem encontradas como ocorre na crônica *Prisioneiros*, em que aborda melhor o assunto enquanto entrevista alguns alemães recém capturados. Ibidem. p. 115-118.

portuguesa antiga.”⁶⁷ Apesar de seus esforços, sua presença no T.O. da Itália não era onipresente; e fatalmente acabava perdendo algum evento, ou deixando de cobrir algum ponto importante da FEB.

Ainda assim, ao lermos as oitenta e quatro crônicas contidas em *Crônicas de Guerra*, podemos ter uma ideia muito próxima do que ocorria com os brasileiros na Itália, pois era típico de Braga dar voz a muitos praças e oficiais, italianos e até alemães, sempre pedindo a opinião destes, nunca vangloriando ou desmerecendo essas pessoas. Enquanto o jornal *O Globo Expedicionário* se dizia ser “um mapa dos mais ternos e mais nobres sentimentos brasileiros”, estas crônicas se revelaram um verdadeiro mapa dos sentimentos e percalços do expedicionário, começando com uma noite abafada no convés de um navio e terminando numa aventura pessoal em Bolonha, no fim da guerra.

De forma parecida fez Joel Silveira, cuja compilação de crônicas pode ser encontrada no *O Inverno da Guerra*, mas não em sua totalidade, pois segundo a nota da edição, apresenta as melhores histórias do seu momento como correspondente, mas ainda assim apresenta um texto inédito do autor. As crônicas que não fizeram parte desta compilação podem ser encontradas nos números dos Diários Associados.

Ao contrário de Rubem Braga, Joel possuía acesso livre aos telégrafos, e suas crônicas, se estivesse nas proximidades, podiam ser entregues já para o jornal do dia seguinte. Como dito acima, Joel e Squeff, do *O Globo Expedicionário*, faziam uso regular do sistema telegráfico, da qual facilitava a comunicação tanto entre eles e seus jornais, quanto aos expedicionários e seus amigos e familiares.

Mesmo tendo essas facilidades, Joel Silveira foi um correspondente diligente, cobrindo uma vasta gama de locais e pessoas, até mesmo do ar em um dos teco-tecos da 1ª ELO, numa perigosa visita sobre a frente alemã. Também esteve muito perto dos combates, chegando ao ponto de ver pessoalmente a morte do esmadíssimo sargento Max Wolf Filho.⁶⁸

⁶⁷ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 5.

⁶⁸http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/montese_2.htm. Último acesso em 09/12/2015. Nesta página, a respeito da batalha de Montese, retrata os motivos que levaram o Sargento Wolf, por mérito, a se torna comandante de um pelotão especial: *Foi nesta época que o major Lisboa resolveu organizar um Pelotão Especial, constituído de praças escolhidos por suas ações anteriores e que após a Tomada de Montese iria receber, do General Mascarenhas de Moraes, magnífica Citação de Combate (...). O Major Lisboa escolheu o bravo, destemido e impressionante Sargento Max Wolff Filho para comandar este conjunto de soldados maravilhosos, que logo passou a ser chamado de “Pelotão SS”, num reconhecimento ao*



Imagem 2: Sargento Max Wolf Filho liderando uma patrulha. Fonte: Silveira, Joel e Mitke, Thassilo. *A LUTA DOS PRACINHAS*. Record. Rio de Janeiro, 1983.

Mesmo não revelando em seu livro seus motivos que o levaram ali, ao T.O. da Itália, Joel Silveira se mostrou favorável e defendeu as ações da FEB, que para muitos não passou de um passeio.⁶⁹ Tais alegações foram veementemente combatidas pelo jornalista, que testemunhou e vivenciou as agruras do soldado brasileiro, que teria sangrado como qualquer outro. É possível vê-lo reforçar alguns destes pontos no documentário já citado acima, *A Cobra Fumou*, além de demonstrar seu apreço por seus companheiros de ofício: Rubem Braga, Egydio Squeff, Raul Brandão e Thassilo Mitke mas também mostra seu desprezo por aqueles que faziam parte da Agência Nacional (com a exceção de Mitke), fotógrafos e cineastas de “quinta-categoria” como disse na entrevista. Joel também demonstrou ser completamente contrário às ações da censura realizadas pela DIP, que minava sua trajetória e o impedia de visitar alguns setores. Em uma de suas crônicas, *A Primavera*, Joel relata ter ficado sabendo da extinção do departamento e, em extrema euforia, escreve essas palavras, fazendo alusão à estação do ano que chegava para findar o inverno europeu e, metaforicamente, a primavera que se fazia para os brasileiros.

valor combativo das célebres tropas germânicas de igual designação. Procurou-se, de imediato, arregimentar seus integrantes entre aqueles que, nas diferentes Subunidades do Batalhão, mais se tinha destacado em ações de patrulha, principalmente. ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. Montese, Marco Glorioso de uma Trajetória. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1985.

⁶⁹ SILVEIRA, Joel. *O Inverno da Guerra*. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 9.

Os gelos do inverno foram embora, derreteu-se a lama fascista, as verdades, como flores, estão nascendo novamente das raízes que pareciam definitivamente apodrecidas. Estão nascendo mais fortes, mais vivas, mais belas. Creio que o Sr. Getúlio Vargas terá um diário, e creio que, como uma aflita e desesperada anotação diária, ele já terá escrito uma coisa assim numa das páginas mais recentes: “O tempo mudou muito. Escuto vozes que pareciam mortas. Leio palavras que o Sr. Marcondes me garantia não mais existirem. Dizem que há perfume no ar.” É a primavera que brinca aqui dentro da guerra, saltando alegre por campos minados e valas de cadáveres. A mesma primavera que tomou de assalto, como uma multidão de crianças, o sólido verão brasileiro. A mesma primavera que fez do senhor um homem intranquilo e triste, e que transformou este correspondente num trovador empoeirado e sujo, cansado e maldormido, mas de voz liberta.⁷⁰

Na crônica seguinte, Joel Silveira, já com a voz livre, visitaria alguns dos espaços antes proibidos pela DIP. Entre eles, está o Hospital 16, que ficava a poucos quilômetros do *front*. Para o correspondente brasileiro, o hospital era um local proibido, pois toda informação, contendo números de feridos e baixas, “quando daqui saía nas reportagens e crônicas, esbarrava no Brasil com a estúpida orientação do finado DIP, para quem o soldado brasileiro deveria ser sempre excepcional, à prova dos desastres da guerra.”⁷¹ Para mostrar que agora possuía liberdade de escrita, continuava sua crônica, revelando os números da FEB, mostrando que havia muitas baixas, muitos feridos, em combate e em acidentes.

Estando no mês de março, avalia os dados do mês anterior, “o mês do Castelo”, da qual os números de brasileiros que passaram pelo Hospital 16 aumentaram agressivamente: em janeiro era de 40 o número de feridos, 64 de acidentados e 450 de doentes. O mês seguinte acabou provando ser bem cruel, com seus 381 feridos e 828 acidentados.⁷² Como dito acima, estes dados não chegariam aos olhos brasileiros se não fosse pelo fechamento do DIP, que possibilitou aos jornalistas revelarem um pouco da realidade, que estava longe do brasileiro que Vargas queria mostrar; era falível como qualquer outro, mas fazia a sua parte na guerra.

⁷⁰ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p.133.

⁷¹ Ibidem. p. 135.

⁷² Idem.

Parece ser este um pensamento muito comum entre os expedicionários: estavam fazendo a sua parte. Nas entrevistas de Rubem Braga e Joel Silveira, os soldados e enfermeiras se esforçavam, pois, tendo tido um treinamento precário antes de embarcarem para a Itália, precisaram rever seu treinamento, aprendendo técnicas novas para que fizessem frente aos seus aliados bem preparados e seus inimigos bem experientes. Nesta guerra de muita inovação tecnológica e tática, os brasileiros precisavam estar equipados e com o treinamento técnico necessário. Dessa forma, em janeiro, já experientes e com o treinamento revisto, a FEB quebra com o conceito mítico de que “‘caboclinhos franzinos e cheios de ginga’ seriam, por natureza, superiores aos obtusos *Übermenschen* tedescos.”⁷³ Mas, após o treinamento complementar dos pracinhas, da experiência de estar a favor dos alemães, que já vinham de outras frentes, a inferioridade brasileira só existia no que se referisse ao posicionamento do relevo, ou no armamento utilizado.

Ao contrário das tropas terrestres, a FAB (Força Aérea Brasileira) se mostrou muito bem preparada desde o início.⁷⁴ Os pilotos que viriam a formar o 1.º Grupo de Aviação de Caça que compunha o *350th fighter group*, obtiveram seu treinamento junto aos americanos, e juntos também lutaram lado a lado nos céus da Itália, obtendo também a oportunidade de lutar num grupo que já trazia muita experiência desde sua formação em 1942. Pois essa experiência se ganhou a partir das seis campanhas anteriores: Tunísia, Sicília, Nápoles-Foggia, Roma-Arno, e Bastia e Alghero. Os brasileiros eram novatos, bem treinados, mas ainda sem experiência de combate.

Assim que fizeram sua primeira missão junto aos pilotos veteranos do *350th fighter group*, os pilotos brasileiros passaram a ter mais liberdade de ação, obedecendo as ordens do Coronel Nero Moura, comandante do 1.º Grupo de Aviação de Caça, mais ainda inseridos ao 350th:

⁷³ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 59.

⁷⁴ *Dentro de um mês eles operavam como veteranos. Esses brasileiros tinham poucas substituições em comparação com os nossos Esquadrões, mas mesmo assim sua coragem e energia não esmoreciam. Apesar dessa desvantagem, eles nunca se queixaram de fadiga nem isso lhes afetou o ânimo para lutar com garra até o Dia da Vitória.* The 350th Fighter Group in the Mediterranean Campaign November 2, 1942 – may, 2, 1945. Schiffer Publishing, Ltd. 2004. Apud: LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!**. Action Editora. Rio de Janeiro, 2011. p. 22.

O 350th tinha sob seu controle operacional quatro esquadrões de caça, sendo três americanos e um brasileiro. Naquela ocasião, um grupo de caça na força Aérea Brasileira correspondia a um Esquadrão de Caça ou Fighter Squadron na USAAF. Assim, durante nossas operações de guerra, éramos, no 350th, o 1st Brazilian Fighter Squadron. Os outros três esquadrões eram o 345., o 346 e o 347.⁷⁵

Mas para estarem preparados para combater no T.O. da Itália, os *Jambocks*⁷⁶ participaram de um extenso treinamento em Aguadulce, no Panamá e em Suffolk Field, base de treinamento em Nova York. Na base do Panamá, ajudaram na patrulha do Pacífico enquanto faziam seu treinamento rigoroso. E em pouco tempo obtiveram o rigor necessário para o combate, como afirmam as palavras de Bill Buntin, jornalista americano que analisou as ações do 350th:

Dentro de um mês eles já operavam como veteranos. Esses brasileiros tinham poucas substituições em comparação com os nossos Esquadrões, mas mesmo assim sua coragem e energia não esmoreciam. Apesar desta desvantagem, eles nunca se queixaram de fadiga nem isso lhes afetou o ânimo para lutar com garra até o Dia da Vitória.⁷⁷

Quando lá chegaram, sendo o único grupo de caça brasileiro, tinham um respeito a zelar, assim, muita pressão se fazia sobre os pilotos brasileiros, ainda mais que seu treinamento se realizará fora do Brasil, fato que gerou críticas e afirmações injustas, segundo Rui Moreira Lima, ao ponto de serem chamados de “primeiro grupo de caça-níqueis”, da qual iriam para a guerra apenas “cumprir tabela”.

Rubem Braga, pouco tempo depois de aportar na Itália acabou por encontrar o grupo de pilotos brasileiros em outubro de 1944. Numa conversa informal, os pilotos revelam que estavam a muito tempo sem ver o Brasil, por conta do treinamento no Panamá e se mostraram ansiosos quanto aos próximos dias na frente italiana. O Coronel Nero Moura, hoje patrono da aviação de caça do Brasil, explicava como se encontrava em seus primeiros dias na frente de guerra: “Ainda não entramos em fogo. Nossos homens até agora têm realizado voos para reconhecer o teatro de operações e se adaptarem aos métodos particulares de luta neste setor.” Outro oficial, no entanto, ao

⁷⁵ LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!**. Action Editora. Rio de Janeiro, 2011. p. 51.

⁷⁶ Forma como os pilotos do 1º Grupo de Aviação de Caça se chamavam pelo rádio.

⁷⁷ LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!**. Action Editora. Rio de Janeiro, 2011. p. 23.

mostrar os famosos caças-bombardeiros P – 47 – Thunderbolt, “que se alinhavam no campo a perder de vista” e seriam usados pelos pilotos da FAB, revelou a Braga que “no meio da aviação aliada à nossa turma da FAB é muito pouca coisa, mas espero que a gente não faça má figura”⁷⁸

Ocorre que a FAB obteve momentos memoráveis na campanha da Itália, feitos que fazem parte da história das forças armadas até os dias de hoje. Os pilotos veteranos dessa guerra, tendo entre eles uma relação de camaradagem muito forte, se juntaram muitas vezes no pós-guerra para relembrar os momentos de glória do 1.º Grupo de Aviação de Caça e sempre faziam questão de preservar os costumes e tradições criados entre eles. Visando preservar essa memória, Rui Moreira Lima, em colaboração de seus companheiros veteranos, escreve o *Senta Pua!*, com sua primeira edição lançada em 22/4/1979, onde aborda a história do 1.º Grupo de Aviação de Caça, ressaltando seus feitos e tradições.

Lima, também acaba dedicando muitas páginas aos seus companheiros, tanto aqueles que sobreviveram, quanto aqueles mortos em combate. Nas entrevistas e relatos dos pilotos da FAB, apresentados por Lima, encontramos seus motivos para alistarem-se, suas relações com os outros pilotos do 350th, e quando alguns deles foram abatidos e caíram atrás das linhas inimigas, criaram fortes relações com o povo italiano⁷⁹, no caso daqueles que conseguiram escapar das buscas do inimigo. Outros foram feitos prisioneiros e, estando em pequeníssimo número comparado às outras nacionalidades encontradas nos campos de concentração, sobreviviam à parca alimentação, com o apoio e liderança dos pilotos e soldados aliados.⁸⁰

Pierre Clostermann, piloto francês que fugiu da França rendida para a Inglaterra, continuou a lutar pelos aliados até o fim da guerra, ganhando o respeito ao ponto de ser considerado um dos melhores pilotos do conflito. Quando teve contato com a obra de Lima, enviou estas palavras:

Seu livro, meu caro Rui, é também um documento indispensável e completo para os historiadores que contarão um dia a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. “Senta a Pua” é tão importante que eu gostaria de ter dois exemplares, um para o “Serviço Histórico da Força Aérea Francesa”, e outro para a “Biblioteca do Museu do

⁷⁸ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 53-54.

⁷⁹ LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!**. Action Editora. Rio de Janeiro, 2011. *Fugitivos*.

⁸⁰ LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!**. Action Editora. Rio de Janeiro, 2011. *Prisioneiros de Guerra*.

Ar” onde os documentos concernentes ao Brasil são provavelmente raros.⁸¹

Dessa forma, acredito que o trabalho de Rui Moreira Lima, possa contribuir muito para se compreender participação brasileira no T.O da Itália, que não ocorreu apenas em solo, mas também nos céus da Itália. E a visão aérea deste conflito não poderia faltar.

Outro livro de memória importante para esta pesquisa é o Trinta e Cinco Anos Depois da Guerra, do Tenente Agostinho José Rodrigues. Ao viajar para o antigo palco de guerra dos brasileiros, trinta e cinco anos depois, Agostinho rememora suas experiências como expedicionário no Teatro de Operações da Itália.

Por ocupar o posto de Tenente, mantinha relações com os praças e o alto oficialato, como o General Euclides Zenóbio da Costa, Comandante da Infantaria Divisionária, e o então Tenente-Coronel Humberto de Alencar Castelo Branco. Além disso, Agostinho participou das frentes de combate, sendo as duas primeiras tentativas de ataque ao Monte Castelo as mais comentadas, sendo a segunda a mais cruel, para ele e para seus comandados.⁸² Logo após estes custosos embates, foi designado para a retaguarda, onde iria comandar a tropa de reabastecimento e suprimento, da qual chegou a gozar de alguns dias de paz, isso em companhia de italianos da qual manteve contato constante.⁸³ Por ter estado em várias localidades, batalhando e operando na retaguarda, e mantendo contato com uma boa parcela dos soldados brasileiros do 11º Regimento de Infantaria, além de refugiados e *partigiani* italianos, o olhar de Agostinho sobre o conflito colabora com os intentos deste trabalho.

⁸¹ Ibidem. p. 757.

⁸² RODRIGUES, Agostinho José. **TRINTA E CINCO ANOS DEPOIS DA GUERRA**. Imprensa Oficial do Estado. Curitiba, 1981. p. 63.

⁸³ Ibidem. p. 26.

CAPÍTULO II – A AÇÃO EXPEDICIONÁRIA

2.1- Da neve, do frio e das montanhas: elementos do cenário ou as características do antagonista?

Quando a ação direta dos brasileiros no Teatro de Operações da Itália se fez de fato, estes combatentes vieram encontrar fatores climáticos muito distintos daqueles nascidos em uma terra imperada pelo calor do clima tropical. Pois estes fatores são a neve e o frio extremo. Pois se alguma vez sentiram o rigor do frio, não chegou às condições da Itália num inverno rigoroso que fez cobrir a paisagem por metros de neve e alcançou temperaturas que chegavam a 20 graus centígrados negativos.



Imagem 3: Brasileiros em posição no inverno italiano. Fonte: Sulla, Giovanni; Trota, Ezio. GLI EROI VENUTI DAL BRASILE. Storia fotografica del corpo di spedizione brasiliano in Italia (1944-45). Il Fiorino, 2005.

Mas nem sempre este foi o cenário do expedicionário. Durante o outono, que marca o desembarque da FEB na Campanha do Mediterrâneo, e o início das operações e

primeiros confrontos, o frio já prenunciava o inverno, mas o clima era predominado pelas chuvas, que igualmente a outros intempéries, prejudicava a ação dos brasileiros ainda inexperientes.

A ação da FEB se inicia de fato em setembro de 1944, quando as tropas do 1º R.I. e 11º R.I. desembarcam no T.O. da Itália, compondo assim a base da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Deste período até dezembro, as posições pouco se modificaram e a campanha ficou marcada por poucos avanços significativos. Ainda assim pode-se dar o crédito das vitórias brasileiras em Mazzarozza em 18/08/1944, Camaione em 18/09/1944, Monte Prato em 26/09/1944, Fornacchie em 06/10/1944, Galicano em 07/10/1944, Barga em 11/10/1944, San Quirino em 30/10/1944 e Monte Cavallo em 16/11/1944.⁸⁴ Apesar das vitórias significativas, o ano foi marcado pelas tentativas fracassadas de tomar o Monte Castelo, gerando quantidades de feridos e mortos maiores do que em qualquer outro lado do *front*, *se somadas*,⁸⁵ e estacando as tropas do 1º Regimento de Infantaria, o Regimento Sampaio, por muito tempo nesta posição.⁸⁶

O fator da derrota no Monte Castelo proveio muito do clima ruim na região, marcado pelo frio e chuva durante as ofensivas colina acima. Não somente ao tempo ruim, o emprego de tropas também prejudicou os assaltos. Ficava cada vez mais claro para o oficialato brasileiro que, a investida a tal posição tão fortificada, só seria bem sucedida com a disposição de todos os regimentos, contrariando as esperanças do 5º Exército Americano, que acreditava ser possível a conquista sem o emprego de tantas tropas.⁸⁷

Relembrando suas experiências na segunda surtida ao Monte Castelo, o tenente Agostinho José Rodrigues, em seu livro *Trinta e Cinco Anos Depois da Guerra*, narra os momentos que precederam o evento. Segundo Agostinho este momento seria muito relevante para o futuro da campanha e também era a última oportunidade do ano:

Estava deitado na relva molhada, quando surgiu a primeira réstia de luz na madrugada fria. Ocupávamos posições aqui, à direita e a uns

⁸⁴<http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/campanhadafeb.htm>. Último acesso em 27/11/2015

⁸⁵ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 135.

⁸⁶ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 244-248.

⁸⁷ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 93-98.

trezentos metros à retaguarda de Bombiana. Havia, pela área, centenas de homens esparramados por entre as colinas escalvadas. (...) Era o alvorecer do dia doze. Condições atmosféricas más, inteiramente desfavoráveis. Chovera torrencialmente durante a noite. Agora, uma forte garoa acompanhada de espessa neblina restringia, ao mínimo, a visibilidade. Objetivando prosseguir novo esforço ofensivo, o último do outono, o comando da Divisão organizara forte agrupamento de ataque, embora sabendo que os alemães haviam reforçado consideravelmente suas defesas. (...) Os soldados, naquele amanhecer frígido e cinzento de dezembro, sentiam, sem que lhes dissessem, que aquele ataque representava o último esforço para a conquista do monte. Numa semana, a neve cobriria as montanhas e os caminhos. Frustrada a arremetida, outra oportunidade somente surgiria quando chegasse a primavera.⁸⁸

Conforme a narrativa de Agostinho, após o fracasso do assalto ao Monte Castelo, as tropas brasileiras mantiveram-se fixas naquela posição, apenas realizando patrulhas, defendendo a região de qualquer surtida inimiga e esperando a chegada da primavera. Assim, nesse momento de meados de dezembro, a chuva dá lugar à neve; e a neve paralisara as frentes de combate.

Para se ter uma boa noção de quão congelado ficaram as frentes de combate no T.O. da Itália, a última conquista da FEB no ano se deu em 16 de novembro de 1944 em Monte Cavalloro e a última investida em escala maior ocorreu em 12 de dezembro do mesmo ano: a investida ao Monte Castelo descrita por Agostinho. A próxima conquista febiana ocorreria apenas em 21 de fevereiro de 1945 (a terceira e vitoriosa investida ao Monte Castelo) com o abrandamento dos efeitos do inverno. A partir deste momento, no entanto, a FEB, juntamente com todo o 5º Exército Americano, passaria a conquistar as posições mais rapidamente, dando início ao que ficou conhecido como a Investida da Primavera.⁸⁹

Neste período de inverno, a FEB passa por seu momento crucial. Ao mesmo tempo que tenta angariar mais posições e manter as já conquistadas, esse período marca o treinamento adicional realizado pelas tropas, principalmente aquelas que não formavam o primeiro escalão da 1ª D.I.E., que careciam de aprofundamento até mesmo

⁸⁸ RODRIGUES, Agostinho José. **TRINTA E CINCO ANOS DEPOIS DA GUERRA**. Imprensa Oficial do Estado. Curitiba, 1981. p. 21.

⁸⁹ Tabelas fornecidas pelo site da ANVFEB <http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/campanhadafeb.htm> Apud. MASCARENHAS, Moraes. **A FEB POR SEU COMANDANTE**. Progresso. Rio de Janeiro, 1947.

em questões básicas da guerra, embora se destacassem pelo vigor físico.⁹⁰ Além do aprimoramento técnico, as tropas brasileiras buscavam a experiência necessária para os combates que estariam por vir no período lamacento da primavera.

Se no inverno o número de confrontos diretos diminuiu, as dificuldades dos praças entretanto, aumentaram. O frio, mesmo tendo seus efeitos amenizados pelos equipamentos, tanto os fornecidos pelo exército americano quanto os fornecidos pela intendência da FEB, criou uma dura rotina que dificultava até mesmo as ações mais simples do cotidiano. Joel Silveira, mesmo podendo contar com o maior conforto da retaguarda, afirma que o frio foi das maiores mazelas em seu período como correspondente. Era comum, em sua rotina, que a água dos camburões amanhecesse congelada, necessitando artimanhas para aquecê-la, mas que mesmo assim dificultava qualquer uso de higiene, que muitas vezes podia ser resumida em lavar o rosto. Outro fator incômodo, era a necessidade de dormir vestindo todo o uniforme, com a exceção das botas, que não se resumia em pouca coisa. Joel fala um pouco sobre o processo de vestir-se nos dias castigados pelo frio:



Figura 4 Brasileiros equipados contra o rigor do frio. Fonte: Sulla, Giovanni; Trota, Ezio. GLI EROI VENUTI DAL BRASILE. Storia fotografica del corpo di spedizione brasiliano in Italia (1944-45). Il Fiorino, 2005.

⁹⁰ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 60.

Calçar sobre a grossa meia de lã as pesadas e deselegantes combat-boats, enfiar uma camisa igualmente de lã por cima da ceroula, também de lã, e sobre esta o pesadíssimo suéter militar, um verde-azeitonado, que nos cobria do pescoço até a cintura e ia até o começo das mãos. E mais ainda a blusa da farda (que podia ser o rarefeito uniforme brasileiro ou a mais protetora farda norte-americana), a capa e as luvas forradas de pelo de carneiro; e, finalmente, o capacete de aço.⁹¹

Em suas viagens em busca de assuntos para suas crônicas, Joel Silveira muitas vezes passava pelas estradas perigosas dos Apeninos. Era muito comum que se tomasse



Imagem 5: Soldados da artilharia agasalhados contra o frio. Fonte: Sulla, Giovanni; Trota, Ezio. GLI EROI VENUTI DAL BRASILE. Storia fotografica del corpo di spedizione brasiliano in Italia (1944-45). Il Fiorino, 2005.

muito cuidado ao viajar por esses caminhos, que se caracterizavam por ter de um lado um imenso paredão e do outro o abismo. Estes locais, constantemente esburacados pela artilharia alemã, já ofereciam dificuldades ao trajeto, e mesmo um motorista experimentado podia sofrer acidentes, estando, pois, estas vias sempre em transformação, mas o inverno trouxe outro nível de perigo aos viajantes. A neve não apenas modificava o terreno, ela também prejudicava a visão e, no caso das vias

⁹¹ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 10.

apeninas, era muito comum as nevascas. Estas, prejudicavam campo de visão, oferecendo um palco propício a acidentes. Para agravar a situação, era ordenado que não fizesse uso dos faróis dos automóveis, pois as rotas eram constantemente vigiadas e, um deslizamento como esse, podia atrair a atenção da vigília inimiga que não se continha no fogo de artilharia.⁹²

O combate à neve se tornou parte do cotidiano para o expedicionário, até mesmo os encarregados da intendência tinham participação na luta contra essa, que se tornou o inimigo comum, tanto de brasileiros, alemães, americanos e italianos, e tanto no *front* quanto na retaguarda. Particularmente, para Rubem Braga, os grupos da Engenharia tinham seus confrontos diários com a neve para possibilitar o transporte pelas vias apeninas:

(...) o pessoal da Engenharia brasileira tem muito o que fazer para manter em tráfego as estradas e caminhos que ligam os quartéis-generais, postos de comando, postos de retaguarda e posições avançadas. A conservação desses caminhos exige uma luta diária e intensa – é uma luta bastante áspera, quando sopra sobre as montanhas um vento forte que açoita as caras com neve.⁹³

Para Rubem Braga, as mudanças trazidas pelo inverno atrapalhavam a atuação do expedicionário em suas várias atuações. Para ele havia “momentos em que para um homem bem abrigado o frio é agradável – desde que ele não tenha de ficar imóvel dentro de um *fox-hole*”⁹⁴, e este, o *fox-hole*, era a realidade do soldado em posições avançadas.

As privações causadas pelo frio do inverno atingiam todas as posições, mas no *front*, elas surtiam seus efeitos mais drásticos. Ao defender uma posição, os praças usavam suas pás, incluídas no equipamento padrão, e cavavam seu abrigo. Dependendo do tempo que iriam passar na mesma posição, esse abrigo era aprimorado com madeiras, palhas, pedras ou qualquer outro material que pudesse ajudar. Os *fox-hole*, como eram chamados esses abrigos, tinham a principal função de proteger o praça dos estilhaços lançados pela artilharia, morteiros e até mesmo granadas de mão; mas suas

⁹² SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p.68.

⁹³ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p.163.

⁹⁴ Idem.

funções também englobava a abrigo contra o frio e a camuflagem para pegar o atacante desprevenido, já que a neve disfarçava muito o terreno, mesmo esse tendo sido cavocado.

O uso de casas como abrigo era comum apenas na retaguarda, pois nas linhas de frente eram os principais alvos de ambos os lados. Muitas vezes quando os brasileiros se ocupavam de uma posição, as residências já haviam sido destruídas por suas próprias artilharias ou mesmo pelos caças-bombardeiros aliados. Havia pouca proteção que as casas dos campesinos italianos pudessem oferecer. Apesar de proteger do frio e fornecer maior conforto, uma granada bem colocada poderia matar um grupo inteiro, como ocorreu com:

Um soldado [que] entrou na casa. Não sei se era do 1º R.I., ou queria fazer contato com o comando. Quando ele saiu, o alemão viu, tem gente na casa, e começou a atirar na casa. Mas eles acertaram e fez um rombo na parede. A casa era de pedra, assobradada, feita com assoalho de madeira resistente, mas mesmo assim o quarto em cima onde eu estava, eu tava com o pé muito molhado, sentado assim no quarto, e o que morreu, o Elizeu, ele falou assim, de um jeito meio queixada: “se eu morrer, eu venho puxar a perna do Zenóbio.” (...) Ele sentado aqui, e eu sentado do lado dele, eu falei: “Eu vou lá na lareira, enxugar meu pé.” Eu fui descer a escada e fui protegido pelo *hall*. Antes de eu chegar na sala, a granada bateu lá em cima. Foi um estrondo, dentro de casa. (...) aí eu voltei. Voltei, tava o Elizeu morto, o meu fuzil todo arranhado, que tava ao lado dele. Um outro que tinha sentado numa cama, ficou com um estilhaço na cabeça, mas foi salvo, ele não morreu. Só o Elizeu morreu. (...) desci a escada novamente, lá na sala tava o Avelino (...). Ele tinha um gorro de abotoar no queixo, o estilhaço desceu pela testa dele e comeu toda a ponta do gorro, como se um gato tivesse arranhado. O sangue vermelho. Você vê o estrago que a granada fez. Na lareira tava o Fuckner, levou um estilhaço aqui na boca, um fragmento. Tinha o Oliveira, que é um rapaz de Pindamonhangaba, um estilhaço aqui na testa, mas pegou de raspão. E o Arruda, o estilhaço veio, pegou no pé dele. Você vê: uma granada só. E não matou mais gente porque ela não entrou na casa mesmo, ela bateu e só fez o rombo. Pegou parte do telhado e parte da parede, encheu de pedra. E o Elizeu levou a maior parte no peito e na cabeça.⁹⁵

Nesta situação narrada por Vicente Pedroso da Cruz, em La Cá, pode-se notar que até mesmo uma casa bem construída e resistente não oferecia a proteção necessária

⁹⁵ Vicente Pedroso da Cruz, entrevista concedida à Cesar C. Maximiano. São Paulo, 1999. MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 138.

contra o poder destrutivo dos armamentos do período, ainda mais quando se sabia exatamente da sua posição. Com a morte de apenas um soldado, o Elizeu, este grupo pode considerar-se afortunado por não ter tido maiores baixas, por mais lamentável que seja a morte de um companheiro.

Casos como esse não eram raros, e muito menos raros eram os casos de desmoronamento dos escombros sobre os soldados instalados em posições parecidas, da qual, tendo adquirido maior experiência, aprenderam a evitar.⁹⁶ Mas as tropas, fixas em suas posições, estavam sujeitas as eventualidades da guerra, e até as tropas bem protegidas em fox-holes bem construídos, nada podiam fazer para evitar a aleatoriedade da ação das explosões e estilhaços, que poderiam soterra-los com barro e neve.

Quando se tinha tempo para aprimorá-lo, o *fox-hole* protegia o combatente dos ventos do inverno, no entanto a temperatura era cruel da mesma forma no mais bem feito destes abrigos. Por muito tempo as tropas fixadas em suas posições, permaneciam imóveis em seus postos, assim, o frio somado à falta de mobilidade prejudicava a circulação do sangue nas extremidades do corpo. As mãos geralmente eram mais protegidas, mas ainda assim, pela falta de circulação do sangue, o soldado podia sentir dificuldades de até mesmo apertar o gatilho de sua arma, tamanha a perda do tato nas regiões periféricas do corpo. Mas o caso mais comum, que atingia uma porção enorme do contingente era o pé-de-trincheira.⁹⁷

Esta situação era lastimável para qualquer tropa, já que causava baixas, pois forçava o soldado acometido ir para o hospital de campanha ser tratado. Quando o problema se agravava o soldado podia correr o risco de perder o membro, mas o simples fato de tirar o soldado do *front*, já preocupava os oficiais, que buscavam formas de combater esse revés, que causava mais baixas, durante o inverno, que os disparos de fuzil ou metralhadoras alemãs.⁹⁸

Quando em seus *fox-holes*, a neve que ficava ao fundo do abrigo derretia com o pisar das botas dos praças, deixando os pés na situação mais precária, afundados em uma poça de lama fria. Alguns soldados mais engenhosos fazia um sistema de canalização para escorrer a água, ou usavam qualquer material do local para forrar sua

⁹⁶ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 130-131.

⁹⁷Ibidem. p. 177.

⁹⁸Idem.

“toca” e diminuir o desconforto do *front*, mas isso também dependia do tempo de permanência no local.

Ao visitar uma das frentes avançadas, Joel Silveira observou o que fazia o praça para enfrentar estes problemas outrora desconhecidos, quando no Brasil:

De um modo em geral, porém, o pracinha tem resistindo bem. Eles receberam o inverno como uma novidade estranha. (...) Outra coisa, no entanto, é ficar à noite dentro dum buraco, durante duas horas que se esticam como dois séculos. Muitas vezes o “pé-de-trincheira”, que incha, paralisa e corta o pé do pracinha, inutiliza o soldado por quinze ou vinte dias. Mas a verdade é que o pracinha brasileiro é um homem que se improvisa diariamente, e pra cada tortura de inverno ele cria seu remédio próprio, às vezes uma obra prima de engenho.⁹⁹

Ao falar do engenho brasileiro, Joel Silveira claramente tem a intenção de exaltar o soldado brasileiro, se não pela sua experiência ou equipamento, pela sua capacidade de improvisação, o seu “jeitinho” para resolver problemas. Ele ainda cita um desses “jeitinhos” para aliviar o frio no fim de sua crônica:

contra o pé-de-trincheira por exemplo, a solução é calçar tamancos e galochas, ou então enrolar o pé em feno e calçar as galochas depois. Descobriram também que para esquentar os dedos nada melhor do que esfregar neve nas mãos. São pequenas receitas que nos ajudam a travessar esse túnel branco e rígido que começou no dia 23 e que irá até inícios de março.¹⁰⁰

João Camilo de Oliveira Torres, tempos depois vai tornar este fato um exemplo clássico do que ele chamou de “jeito prático” do Brasileiro.¹⁰¹ Para Maximiliano, no

⁹⁹ SILVEIRA, Joel. **O CRUZEIRO DO SUL**. 10 de janeiro de 1945.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Segundo ele (1973, p. 213), “do ponto de vista prático, o jeito se traduz na capacidade de adaptação a situações inesperadas ou difíceis”. Oliveira Torres (1973) exemplifica ressaltando que, durante a guerra, na campanha dos Apeninos, em pleno inverno, os brasileiros que não estavam tão familiarizados com a neve souberam se proteger muito mais do que os americanos, que já deveriam estar habituados ao clima, mais freqüente na região onde moram. Ocorre que, com os pés sendo congelados, os brasileiros trataram de enrolá-los com jornais para minimizar o frio e para que os seus efeitos fossem menos drásticos; enquanto que os americanos ficaram esperando orientações da junta médica para o problema. Em outro exemplo, o autor lembra: “o intelectual brasileiro, mais do que qualquer outro, é capaz de cuidar de várias atividades, de ser, por exemplo, professor de muitas disciplinas diferentes, ou exercer muitas profissões, e por vezes bem” (OLIVEIRA TORRES, 1973, p. 213 apud. MUNIZ, Larissa Casagrande Faller. A configuração do jeitinho brasileiro em narrativas literárias. Santa Cruz do Sul: Programa de PósGraduação em Letras, 2009. (Dissertação de Mestrado). p.22. Cf. TORRES, João Camilo de Oliveira. Introdução à teoria do “jeito”. In: _____. Interpretação da realidade brasileira: introdução à história das idéias políticas no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

entanto, as soluções criadas pelos brasileiros não ajudavam a combater os males do pé-de-trincheira, mas apenas ajudando no conforto. O mito que o brasileiro através da malandragem se destacava das demais tropas se mostra errôneo quando analisamos alguns dados¹⁰², que muitas vezes passam despercebidos até mesmo em obras conhecidas por suas exatidões estatísticas, como a de Thomaz Castello Branco.¹⁰³

Segundo Maximiliano, Castello Branco realça o lado engenhoso dos brasileiros comparado às demais tropas do 5º Exército Americano, revelando o mesmo uso descrito por Joel Silveira como artimanha única dos pracinhas para combater o frio. No entanto Castello Branco ainda revela que alguns números que o contradiz, quando escreve que “entre novembro de 1944 e abril de 1945, houve 206 casos (de pé-de-trincheira) em um total de cinco divisões americanas e 198 na FEB”¹⁰⁴, revelando uma proporção muito mais alta para os brasileiros. Para limitar as baixas, não havia um “jeitinho”, havia o uso correto do equipamento fornecido. Quando os brasileiros tiravam os borzeguins e trocavam por palha, se sujeitaram ainda mais ao pé-de-trincheira, enquanto “de acordo com os registros médicos do teatro de operações do Mediterrâneo, as únicas tropas pouco acometidas pelo pé de trincheira foram as britânicas, já que estas levavam a sério a rígida disciplina de trocar meias diariamente e secar os calçados.”¹⁰⁵

Ao falar sobre a neve, Rubem Braga demonstra menos preocupação com seus efeitos. Por não visitar as frentes mais castigadas, ficando nas proximidades do Q.G. da FEB, o inverno não atrapalha muito a vida de Braga que em certos momentos admite até gostar, mas ainda assim reconhece seu mau para o cotidiano dos praças, pois “durante os meses do outono o pior inimigo do soldado era a chuva. Agora, que o inverno chegou entrou, não chove, mas neva.”¹⁰⁶ Sua visão, no entanto, demonstra ser bem positiva quanto à capacidade do pracinha lidar com suas dificuldades. Em uma das crônicas, revela algo parecido com o descrito por seu colega Joel Silveira, quanto ao uso de equipamentos ou ao pouco caso dele:

¹⁰² MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 176-177.

¹⁰³ CASTELLO BRANCO, Thomaz. **O BRASIL NA II GRANDE GUERRA**. Apud: MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 177.

¹⁰⁴ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 177.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 132.

“E Mestre Pracinha aprende a se defender da neve. Aboliu as botinas: usa só os galochões, que enche de feno, de panos, de papel.” (...) recebe às vezes novo material americano de resistência contra o frio, mas não o usa indiscriminadamente: rejeita com simplicidade o que acha que o atrapalha.”¹⁰⁷

Este trecho vem a somar com outras testemunhas sobre a teimosia do pracinha para o uso do equipamento oficial e ao apego de métodos simplistas e pouco ortodoxos ao manual de instrução e ao treinamento que receberam – esse senso prático referido na cultura brasileira (nas formas de enxergar o Brasileiro). Quanto ao manejo dos *fox-holes*, comenta:

Mestre pracinha usa os materiais de que dispõe onde está: tijolos, ou trapos de mantas, ou pedras. Redescobre a lei dos vasos comunicantes e luta contra ela; constrói pequenas barragens, abre pequenos canais, defende seu abrigo da inundação da neve. E ali, a poucas centenas de metros do inimigo, improvisa um precário conforto, ajeita modo de ficar sentado e de manobrar a arma à vontade – e vigia.¹⁰⁸

Rubem Braga também comenta sobre a engenhosidade brasileira. Tendo visitado apenas as frentes brasileira talvez tenha ignorado que não foram feitos apenas de seus patrícios, mas todo soldado metido em um buraco no chão, e passando uma quantidade considerável de tempo, acaba por ter ideias semelhantes. Em *Band of Brothers*, Stephen E. Ambrose, ao falar da companhia Easy da 101ª Divisão Aerotransportada, comenta um pouco sobre a engenhosidade americana durante a defesa desespera das Ardenas, que demonstra preocupações e soluções semelhantes às dos brasileiros, mas confiando um pouco mais no equipamento.¹⁰⁹

O pé-de-trincheira era um mal temido por todos, brasileiros ou americanos, praças ou oficiais. Os oficiais, até mesmo nos momentos mais calmos da guerra, mas principalmente nos momentos mais críticos, temiam as baixas por ele causado, ainda mais quando eram tropas experientes e de difícil reposição. Já os praças temiam por, ao irem se recuperar no hospital, e mesmo tendo um período de repouso no trato da doença, serem relocados para outra companhia, se afastando, assim, de seus companheiros. Ocorria então, que muitos soldados se recusavam a deixar as linhas de

¹⁰⁷ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. p. 132-133.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ AMBROSE, Stephen E. **BAND OF BROTHERS**. Bertrand. Rio de Janeiro, 2006.

frente ou simplesmente sofriam em silêncio. O laço que se formava entre as tropas era o que incentivava sua resistência diária, era perigoso perder esse elemento.

Não fosse o sentimento de companheirismo formado entre os soldados, as vicissitudes da guerra fatalmente os fariam fenecer. Algumas situações punham à prova a fibra do soldado, ver seu amigo ser cortado ao meio por uma rajada de MG42, vê-lo perder a cabeça para um estilhaço de granada ou perder o pé para as odiadas minas terrestres podiam fazer muitos entrarem em pânico, perder a razão. Ver cenas como essas podia ser o fim da guerra para o soldado. A descrição do 3º Sargento Leonercio Soares, estando estacionado em uma trincheira cavada no cemitério de Bombiana, demonstra que até mesmo o terreno colaborava para abalar o estado psicológico:

A terra pisada e repisada pelos pés dos soldados tornou-se um lamaçal pastoso e gelado. E fétido também. Sobretudo ali, naquelas medonhas e encharcadas posições, abertas, em forma de túnel, enrustidas que foram sob o velho cemitério de Bombiana. Ali, naqueles buracos de toupeiras, sentia-se ainda muito frio no decorrer das noites. As mãos gelavam-se ao tocar na terra negra e malcheirosa. Dela, permanentemente emanava-se o odor sepulcral de defuntos centenários, confundindo-se, misturando-se e aderindo ao fedor do feno podre que enchia os galochões – o fedor de chulé, de suor velho e enalacrado – o mau cheiro de toda sorte de sujeira acumulava nos corpos vivos que conviviam com os mortos. Um bafejo forte escapava-se do fundo da terra do velho cemitério – emanção pegajosa, grudenta, nauseante, impregnava todas as coisas que ali se encontravam.¹¹⁰

Era passando por situações agressivas como essa que os soldados fortaleciam os laços. Até mesmo oficiais, vendo seus homens passando por proações das mais lamentáveis, ou mesmo participando das mesmas condições. Em uma carta de Túlio Campello de Souza, 2º tenente, aos seus homens, após ter tido sua perna arrancada em uma mina, podemos ver o companheirismo de um comandante e seus comandados:

Pistoia, 8-3-1945
Queridos companheiros

¹¹⁰ SOARES, Leonercio. **VERDADES E VERGONHAS DA FORÇA ESPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**. Edição do autor. Curitiba, 1984. Apud: MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 120.

Aqui desta cama vejo como seria bom tê-los junto.

Sinto falta de tudo e de todos, da fala alta do Magalhães, da comida do Antonio, da barbicha do Alceu, das loucuras dos três cabos loucos, da prosa do Rodrigues, do Bruno, da dentadura do Pereira. Enfim, de todos vocês.

O meu maior desejo é voltar e continuar junto, com vocês, para a frente.

Mas sei que isso não é mais possível. Por isso sinto tanta saudade de todos.

Para mim vocês eram os melhores soldados do mundo.

Continuem a sê-lo, e recebam os votos de muita felicidade, breve repouso e um grande abraço.

Do

*Túlio.*¹¹¹

Os momentos mais marcantes para os veteranos, aqueles que ficam gravados na memória, são principalmente o do companheiro ferido, no entanto, não era apenas esse o motivo do desgaste mental do soldado. Passar horas dentro de um buraco imóvel, sempre na espreita de um ataque que dificilmente vinha, o temor de que o próximo obus podia se dirigir à sua posição, estas situações iam minando as forças do combatente. Entre a ansiedade e o tédio, o praça atormentado preferia se movimentar, fazer patrulha, atacar...qualquer coisa que o fizesse sair de seu *fox-hole*.¹¹²

Mesmo estando em uma posição fixa por muito tempo, em contenda constante com clima e relevo, o *tedesco* (como os italianos, e em consequência os brasileiros, chamavam os alemães) não deixou de entrar em contato direto, atacar, ou bombardear as posições aliadas. Os bombardeios se fizeram mais constantes que os ataques diretos, mas estes não se extinguiram. Era costumeiro fazerem empreitadas para bater a posição e fazer prisioneiros, ou o mais óbvio: causar baixas. Também ocorria que patrulhas aliadas e alemãs acabassem por se encontrar e se engajar em combate em pontos chave. O inverno foi, para a Campanha do Mediterrâneo, um momento de angariar forças para as próximas investidas que ocorreria com a primavera. Sobre esse momento o comandante do 5º Exército Americano se manifesta da seguinte forma:

¹¹¹ Carta cedida para Maximiliano por Vicente Pedroso da Cruz, da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria.

¹¹² MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 103.

O período estacionário não significou a cessação da luta. No que se referia à linha de frente, o combate seguia o padrão normal da guerra quando ambos os lados estão juntando suas forças para um esforço maior. A artilharia alemã era bem mais poderosa do que tinha sido no inverno precedente, mesmo durante o período defensivo de Anzio. Nossa própria artilharia estava ativa dentro de restrições colocadas a ela e nós fizemos uso extensivo de cortinas de fumaça para limitar a observação alemã e reduzir a eficácia de seus fogos de artilharia. As atividades de patrulha foram contínuas, e os alemães, rápidos na exploração de quaisquer descuidos em quaisquer de nossas posições avançadas. De nosso lado, procuramos obter identificação e outras informações das forças inimigas oponentes, eliminar postos inimigos problemáticos, enganar o inimigo quanto a nossas intenções, e melhorar nossas próprias técnicas quanto a nossas intenções, e melhorar nossas próprias técnicas – todas as quais, desempenhadas num tempo desfavorável, em montanhas escarpadas cobertas de neve e gelo, viram algumas das mais galantes e heroicas ações da campanha.¹¹³

Truscott sabia dos problemas que proviam do terreno italiano. O Terreno pouco favorável para as ofensivas não prejudicava apenas os soldados posicionados nas frentes de batalha, era também um estorvo para a logística e estrategistas militares. Ao lermos os relatos de oficiais e de praças nota-se o quão diferente se mostrou a ação do T.O. da Itália, fato influenciado basicamente pelo relevo da região.

A Segunda Guerra Mundial foi marcada pela mobilidade. Por mais que seu início tenha sido de posições bem estacadas, aquele foi um período breve, que deu lugar a famosa *Blitzkrieg*, que tomou com surpreendente velocidade Os Países Baixos, Luxemburgo, Bélgica e França, com relativa facilidade. Ao contrário do que se mostra na propaganda nazista, a Alemanha não dispunha apenas de blindados para aplicar esta tática. A mobilidade ocorria fazendo-se uso de qualquer meio de transporte. As fotografias e filmes do período raramente mostram, mas havia por trás de todo aquele maquinário o uso frequente de cavalos e bicicletas. Havia até mesmo tropas inteiras que se mobilizavam com bicicletas. Rubem Braga, quando esteve bem perto das linhas alemãs em Bolonha¹¹⁴ e Danilo Marques Moura quando esteve atrás das linhas inimigas

¹¹³ TRUSCOTT, L. K. **COMMAND MISSIONS**. Presidio Press. Novato, 1990. p. 457.

¹¹⁴ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. Editora do Autor. Crônica: Fim de Guerra.

quando seu P-47 foi abatido¹¹⁵, comprovaram o valor dado pelos alemães ao veículo, e não raramente os roubavam dos civis.

Notadamente, a Alemanha é muito lembrada por seus *panzers*, em particular o Tiger, o tanque mais poderoso usado no conflito e o sempre presente *Panzerkampfwagen IV* que marcou presença em várias campanhas. No entanto havia o uso de outros blindados bem mais leves, que colaboravam para a velocidade dos ataques e mobilização de tropas. A *Blitzkrieg* e as novas estratégias que foram sendo criadas durante o conflito se basearam muito no *sturmtruppen*, soldados de mobilização rápida e especializada que foram usados pelos alemães no final da Primeira Guerra, indo contra a Escola Francesa de guerra, que se baseava na defesa e contra-ataque.¹¹⁶ Quando houve o embate das duas filosofias de guerra, a Blitzkrieg e a Escola Francesa, entre a própria França e Alemanha, fica muito claro notarmos quem se mostrou superior, ou ao menos, mais adaptado aos novos tempos de guerra.¹¹⁷

A coordenação entre os vários elementos das forças armadas se mostrou crucial para as novas táticas utilizadas na Segunda Guerra. Justamente neste ponto os brasileiros falharam por conta de seu treinamento parco na área, mas levando em consideração que a utilização de blindados no T.O. da Itália foi relativamente baixa concernente ao terreno, não houve muito prejuízo para a performance da FEB de modo geral, mas prejudicou a primeira e segunda empreitada ao Monte Castelo, quando estavam lutando com a colaboração dos exércitos americanos. É importante lembrar, no entanto que, especificamente destas batalhas, a primeira, marcada por uma defesa tenaz, em que houve até a rara participação da *Luftwaffe* nesta fase da campanha, fora o batismo de fogo para o Regimento Sampaio.¹¹⁸

A Alemanha aprendera muito com a derrota na Primeira Guerra Mundial, assim, sabia que uma guerra de atrito seria impossível de ser vencida. Desta forma dependeu da guerra-relâmpago para derrotar seus inimigos rapidamente, evitando assim um dispêndio de recursos em guerras estacadas. O emprego da estratégia colaborou com seu sucesso, derrotando adversários que tinham pouco tempo para se preparar e em termos

¹¹⁵ LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!** Rio de Janeiro, 2011. Editora Action, 4ª edição. A Fuga de Danilo.

¹¹⁶ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial.** São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 141-146.

¹¹⁷ Ibidem. p. 143.

¹¹⁸ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra.** Rio de Janeiro, 1964. p. 244-248.

de emprego de estratégia e tecnologia militar ainda estavam presos ao primeiro conflito de 1914.¹¹⁹

Não somente ligado à mobilização rápida de tropas, a Segunda Guerra Mundial exigiu o rápido envio de recursos para as frentes de batalha. À medida que o território alemão crescia tornava-se um verdadeiro terror logístico a priorização de recursos para as várias frentes. Entre 1941-1942, o país esteve ativo em várias delas, e assim despendia uma enorme quantidade de recursos e tropas. Gradualmente sua força abrupta foi se exaurindo, culminando com o fracasso da Operação Barbarossa,¹²⁰

A partir da derrota alemã em território soviético, foram obrigas a adotar uma nova forma de combate, dando mais ênfase na defesa, para poder manter toda a extensão de territórios conquistados. Nesta fase da guerra, a Alemanha se via defendendo uma França não totalmente curvada, havendo ainda resistentes e sabotadores, muitos deles comandados pelo General Charles de Gaulle, comandante das Forças Francesas Livres.¹²¹

Havia ainda o conflito aéreo entre a *Luftwaffe* e a RAF (Royal Air Force) que exauria importantes recursos. O resultado da contenda entre a força aérea dos dois países acabou se mostrando positiva para os aliados, que obtiveram vitórias significativa nesta área.¹²² Como resultado, podemos ver o emprego cada vez menor da força aérea alemã, e quando no ano de 1944 já haviam quase desistido desta forma de combate. Na Itália, a *Luftwaffe* foi vista em raríssimos momentos, sendo a primeira batalha da FEB no Monte Castelo, uma delas.¹²³ A frente ocidental também fica marcada pela pouca participação alemã nos conflitos aéreos, deixando o céu livre para os aliados.¹²⁴

A pouco lembrada campanha na África, também teve sua participação no consumo de recursos alemães. A *Afrikakorps*, comandada pelo General Erwin Rommel,

¹¹⁹ AMBROSE, Stephen E. **O DIA D, 6 DE JUNHO DE 1944**: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

¹²⁰ Operação de ataque alemão à União Soviética iniciada em 22 de junho de 1941.

¹²¹ TOTA, Pedro. **HISTÓRIA DAS GUERRAS**. Magnoli, Demétrio (org.). São Paulo: Contexto, 2006. p. 376.

¹²² HART-DAVIS, Adam (editorial consultant). **HISTORY the definitive visual guide**. DK. London, 2007. p. 393-394.

¹²³ BRAGA, Rubens. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. p. 246.

¹²⁴ HART-DAVIS, Adam (editorial consultant). DK. London, 2007. p. 393-394. Também fala sobre isso: AMBROSE, Stephen E. **O DIA D, 6 DE JUNHO DE 1944**: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 705-706. E também: AMBROSE, Stephen E. **BAND OF BROTHERS**. Bertrand. Rio de Janeiro, 2006. p. 170.

dependia drasticamente de dois recursos chave para seu funcionamento: combustível para os veículos e água para as tropas. As batalhas ocorridas nesta frente dependiam muito da utilização de veículos, blindados e aeronaves, e também foi marcada pela mobilização rápida de tropas, não havendo espaço para entrincheiramento a longo prazo.¹²⁵ A *Afrikakorps*, ficou conhecida pela astúcia de seu comandante, Rommel, que atormentou as tropas aliadas lá empregadas, com ataques ligeiros e movimentação de grandes distâncias da qual o deserto do norte da África permitia.¹²⁶ Apesar da luta acirrada, a *Operação Barbarossa*, exigiu que recursos fossem aplicados pesadamente na frente oriental em detrimento das tropas na África. Assim, com a investida britânica em El Alamein, na Operação Tocha, *Afrikakorps* foi derrotada, e com isso, a campanha no mediterrâneo se volta para o solo italiano.¹²⁷

Após obter a dominância do Mediterrâneo, a Itália parecia o ponto mais vulnerável para se abrir a frente ocidental,¹²⁸ e apesar do emprego pesado de tropas, a opção de invadir a Alemanha passando pela Itália se mostrou particularmente difícil. Inicialmente o assalto foi dinâmico, e a Sicília e Nápoles caíram em mãos aliadas. Assim, com a derrota italiana, o governo italiano depôs Mussolini, que se refugiou na porção norte da Itália, e com a colaboração de Hitler estabeleceu a República de Saló.¹²⁹ Enquanto isso o governo italiano principiava as negociações em colaboração com os italianos. Parecia aos aliados que a tomada da Itália não tardaria, mas os Alpes italianos, que dividia o norte do sul, bloquearam maiores avanços. Seria necessário emprego maior de tropas, e estas já se demonstravam escassas.¹³⁰

Ocorre que o Comandante Supremo das Forças Aliadas na Europa, Dwight D. Eisenhower, começava os preparativos finais da maior operação militar da humanidade, a Operação Overlord, conhecida pelo dia que seria posta em movimento, o dia 6 de julho de 1944, o Dia D. Com a recente vitória americana em Roma, em 4 de julho de 1944, e a região da Itália mais assegurada, muitas tropas desta frente foram transferidas

¹²⁵ HART-DAVIS, Adam (editorial consultant). **HISTORY the definitive visual guide**. DK. London, 2007. p. 396-397.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ TOTA, Pedro. **HISTÓRIA DAS GUERRAS**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 375.

¹²⁸ Ibidem. p. 374.

¹²⁹ Ibidem. p. 376.

¹³⁰ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 78-79.

para a Inglaterra, de onde sairia os atacantes da Normandia.¹³¹ Este vácuo de efetivo obrigou as forças aliadas a exigir de seus aliados, até então indiretos, o envio de tropas em colaboração. Sua maioria foi empregada no T.O. da Itália, onde brasileiros, indianos e sul-africanos foram integrados ao exército americano e britânico.

Na França a guerra, marcada pelo dinamismo, era definida por rápidos movimentos, tomadas de posições, utilização de blindados e a utilização das tropas aerotransportadas, que saltavam atrás das linhas inimigas, tornando o *front* indefinido e efêmero.¹³² Na frente oriental, onde a Alemanha já vinha sofrendo derrotas decisivas e perdendo seu território conquistado para os soviéticos, a utilização dos blindados para romper as grandes distancias do território russo, se tornaram cruciais. As batalhas de Stalingrado e Leningrado, mais lembrados nos relatos desta parte do conflito, embora relevantes para se ganhar tempo para a fortificação soviética, muito das derrotas impostas aos alemães foram causados pelo emprego dos blindados T-34, embora não fosse o primor da tecnologia neste período, era mais capaz dentro das condições climáticas onde foi empregado.¹³³

Com as rápidas vitórias dos aliados no território francês, ficou muito claro para os aliados, no final de 1944, que a vitória aliada era eminente. Percebendo o favorecimento da situação, as forças aliadas na Europa preparavam seu efetivo para uma nova investida, que ocorreria nos Países Baixos. Seu objetivo era, através deste território, chegar em Berlin antes do natal de 1944, tamanha a confiança aliada.¹³⁴ Apesar das vitórias iniciais, a ofensiva aliada, em confronto ao reforço alemão das divisões Panzer, muito bem empregadas no território plano do país, fracassaram em seu intento e, com a chegada do inverno, a Alemanha teve tempo para se reagrupar e fortalecer suas defesas nesta frente, apesar de Hitler, por fim, optar pela ofensiva.¹³⁵

Ao expor estas outras frentes de batalha, tenciono fazer uma comparação ao T.O. da Itália, expondo assim suas características únicas. Provindas do território montanhoso da linha gótica, a guerra ali foi em caminho oposto ao ocorrido no resto da Europa.

¹³¹ AMBROSE, Stephen E. **O DIA D, 6 DE JUNHO DE 1944:** a batalha culminante da Segunda Grande Guerra. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 44.

¹³² AMBROSE, Stephen E. **BAND OF BROTHERS.** Bertrand. Rio de Janeiro, 2006.

¹³³ NETO, Ricardo Bonalume. **GRANDES GUERRAS.** Editora abril. Edição 27, fevereiro 2009. p. 58-59.

¹³⁴ AMBROSE, Stephen E. **BAND OF BROTHERS.** Bertrand. Rio de Janeiro, 2006. p. 144.

¹³⁵ TOTA, Pedro. **HISTÓRIA DAS GUERRAS.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 378-384. Ver também: A Guerra em quatro frentes. **O CRUZEIRO DO SUL.** 3 janeiro de 1945.

Enquanto nas outras frente a coordenação de tropas e blindados, e a utilização ligeira destes se mostrou crucial para determinar a vitória, na Itália, a estratégia se concentrou no uso da infantaria em coordenação com a artilharia, estratégia que remonta os combates ocorridos na Primeira Guerra Mundial.

As posições fixas, os ataques frontais, a cobertura da artilharia, são todas estratégias típicas da guerra de trincheiras. Os Alpes italianos acabaram por retroceder toda a evolução da guerra, colocando os soldados empregados ali nas duras condições vividas pela geração anterior.

Assim, unindo o poder de fogo do equipamento alemão, a experiência destes soldados que já estavam temperados pela árdua frente soviética, os intempéries trazidos pelas estações e o relevo montanhoso dos Alpes italianos, transformaram a Linha Gótica naquilo que a Linha Maginot tentou ser: uma linha intransponível e incontornável.¹³⁶

O Tenente Agostinho José Rodrigues, em seu livro de memórias, descreve o quadro que se apresenta aos brasileiros:

Os alemães permaneciam, desde o outono anterior, entocados na Linha Gótica, que estendia através dos Apeninos, do Mar Tirreno ao Adriático. Nossa Divisão, integrada ao IV Corpo, do V Exército, tinha sob sua responsabilidade um *front* de 22 quilômetros. Estendia-se desde os montes Belvedere, Gorgolesco, Mazzancana, Castello, Caselina até o monte Soprassasso. De suas alturas, os alemães impediam qualquer movimento pela Rota 64, principal via de acesso na direção de Bolonha, QG da Wehrmacht e dali para o Vale do Pô.¹³⁷

O Tenente Agostinho, participou dos eventos trágicos que se deram nas investidas fracassadas ao Monte Castelo. Ao liderar seus homens colina acima, na em seu batismo de fogo, Agostinho seguia na frente para dar ânimo a seus homens que se encontravam temerosos. Ele sabia que era necessário dar o exemplo com sua iniciativa. Sua Companhia era a mesma desde os tempos de treinamento no Brasil e seus laços já estavam bem fortalecidos. Galgando a colina aos poucos, foram cobertos pelos tiros de artilharia inimiga. O temor de que caíssem em suas posições era constante, e precisavam

¹³⁶ As linhas defensivas da Linha Maginot não foram testadas de fato, já que os alemães a venceram contornando-a. AMBROSE, Stephen E. **O DIA D, 6 DE JUNHO DE 1944: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 706.

¹³⁷ RODRIGUES, Agostinho José. **TRINTA E CINCO ANOS DEPOIS DA GUERRA**. Imprensa Oficial do Estado. Curitiba, 1981. p. 30.

ficar atentos as regulagens dos artilheiros, para poderem se prevenir. Chegaram em Cá Viteline, posto avançado alemão e ali se posicionaram por boa porção do combate. Raramente viam o *tedesco*, estes estando em suas posições privilegiadas. Conseguiram capturar dois deles no entanto, calaram uma metralhadora bem posicionada também, mas a maior parte do tempo ficaram encurralados em suas trincheiras mal cavadas pelo inimigo, esperando uma oportunidade melhor para avançar. Mas esta não vinha. Os tiros das metralhadoras alemãs passavam rentes as suas cabeças, e aos poucos os brasileiros iam tombando, alguns por estilhaços de granada, outros para atiradores de elite. Agostinho descreve a movimentação do padioleiro “Cocada” que foi dos que mais se via movimentar, socorrendo os feridos, até que fosse ele mesmo ferido gravemente. Assim, após grande quantidade de baixas, o bombardeiro cessa e a ordem de recuar chega. O intento fracassou e aqueles que não foram feridos retornam pesarosos do sacrifício feito em vão.¹³⁸

A investida descrita pelo Tenente, ocorreu sem que as posições adjacentes fossem tomadas, logo o ataque foi basicamente frontal, expondo desnecessariamente as tropas descobertas em posições desvantajosas. Além da desvantagem territorial, os brasileiros enfrentaram essa dura batalha que foi para muitos o batismo de fogo, e muitos foram os que morreram em ações que poderiam ter sido evitadas. Este relato demonstra também como as tropas brasileiras estavam precariamente treinadas, fato que mudaria com a chegada do inverno. Se compararmos este evento a Operação Overlord, que também tinha sua grande parcela de tropas inexperientes, podemos ver que o treinamento foi essencial para seu sucesso. No entanto, é justo notar que a quantidade de soldados aliados na invasão da Normandia foi agressivamente maior, a questão numérica se fez relevante no resultado deste combate, enquanto as tropas brasileiras não dispunham do efetivo necessário para realizar a investida ao Monte Castelo nesse momento.

A descrição deste combate compreende muito do que se passou nas frentes brasileiras: raramente vendo o inimigo, as dificuldades geográficas, as posições fixas. Quando não havia combate, o que correspondia a maioria do tempo, os brasileiros ficavam a mercê da vigília das montanhas. O clima taciturno que se formava entre as tropas nos sopés dos montes nevados, dentro das trincheiras frias e fétidas, são possíveis

¹³⁸ RODRIGUES, Agostinho José. **TRINTA E CINCO ANOS DEPOIS DA GUERRA**. Imprensa Oficial do Estado. Curitiba, 1981. 52-63.

de comparar-se a literatura de Erich Maria Remarque, escritor de *Nada de Novo no Front*, obra que mostra as aflições do cotidiano das tropas alemãs, entrincheiradas em pontos fixos de uma guerra que não compreendiam muito bem.

2.2- Dos Brasileiros: protagonistas ou coadjuvantes?

Para os antigos gregos, protagonista era o ator que fazia o papel principal. O ator que fazia o segundo se chamava deuteragonista e o terceiro, tritagonista. (...) Atualmente, costuma-se referir aos protagonistas como personagens principais de uma peça, os que estão no centro da ação e dos conflitos.¹³⁹

O oficial brasileiro mostra-me um aparelho dos que são usados pelos pilotos: é um Thunderbolt P-47. Agora é um jovem capitão que me explica: — Normalmente, com esse tipo de avião, nossa tarefa seria proteger a força aliada contra reides aéreos do inimigo. O P-47 é um caça excelente para a luta: sobe com uma velocidade de raio e é rápido de manobrar. Aqui na Itália, porém, a aviação alemã pouco aparece. Usamos o Thunderbolt como bombardeiro médio, e metralhamos com ele concentrações de tropas ou comboios de caminhões inimigos. Estou agora em uma roda de oficiais. Quase todos saíram do Brasil em fevereiro ou março, e estão ansiosos para entrar em luta. — “No meio da aviação aliada a nossa turma da FAB é muito pouca coisa” — o que falava apontou as longas fileiras de aviões de todas as cores e tipos que se alinhavam no campo, a perder de vista — “Mas espero que a gente não faça má figura.” Um jipe me deixou na estrada de rodagem e dois minutos depois eu estava na boléia de um “pai da estrada” americano, seguindo meu caminho (BRAGA, 1945, p. 37- 38).

Quando ocorre o encontro entre Rubem Braga e os pilotos da FAB, estes ainda não haviam passado pelo batismo de fogo. O diálogo travado logo mostra um pouco a preocupação dos pilotos quando um destes fala: “espero que a gente não faça má figura.”¹⁴⁰ Pois este não era medo apenas dos pilotos da FAB, os expedicionários também estavam sob o mesmo clima de tenção. Sob os olhares da opinião pública, a FEB precisa provar seu valor neste que era um evento inédito para a história militar

¹³⁹ PAVIS, Patrice. **DICIONÁRIO DE TEATRO**. Perspectiva. São Paulo, 1999.

¹⁴⁰ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. p. 54.

brasileira. É fato marcado desde o início da república, que figuras como Rui Barbosa tentavam obter maior participação para o Brasil no cenário da política internacional. O contexto de guerra provou ser essa oportunidade.

O início da história da FEB é marcado por dificuldades. Quando o General Mascarenhas de Moraes foi escolhido como comandante da FEB, este tinha o trabalho de modernizar as tropas brasileiras, que se encontravam ultrapassadas, tanto em questão de armamento quanto em conhecimento técnico e especializado. Outro fator problemático era a falta de experiência até mesmo do oficialato, que ainda trazia vícios de uma antiga escola de guerra. A experiência dos veteranos é a coluna dorsal das forças armadas e nisso o Brasil estava em falta, ainda que houvessem em suas fileiras, alguns que combateram na Intentona Comunista de 1935 e na Revolução de 1924. Há também o caso excepcional do pracinha Juan, entrevistado por Rubem Braga, um sorocabano que veio a lutar na Guerra Civil Espanhola. Até mesmo quando os soldados voltaram da Itália, já bem temperados pela guerra, pouco uso se fez de seu conhecimento adquirido. A própria FAB desfez o grupo de caça, retrocedendo as formas de combate inovadoras para as antigas formas antes empregadas no Brasil.¹⁴¹

Como já dito anteriormente, o treinamento da FEB foi precário, ainda mais para as tropas do segundo escalão em diante, que menos tempo ainda tiveram para se aprimorar (o treinamento da FEB iniciou apenas em janeiro de 1944).¹⁴² Até para o primeiro escalão, que formava a “nata” do que o Brasil podia oferecer, o tempo foi desfavorável, ainda mais quando até mesmo os oficiais precisavam aprimorar-se para os novos padrões de guerra.¹⁴³ A opinião aliada apresentou críticas aos brasileiros, quanto a seus primeiros enfrentamentos, no ano de 1944. Alguns soldados não conseguiam fazer uso das mais básicas técnicas. Apesar disso, em alguns pontos do treinamento, como nos “cursos de mina”, os oficiais brasileiros acabaram recebendo a qualificação “very

¹⁴¹ LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!** Rio de Janeiro, 2011. Editora Action, 4ª edição. p. 318.

¹⁴² CHAGAS, Honorato C. **O BRASIL EM GUERRA:** os preparativos, a arregimentação e o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para os campos de batalha na II Guerra Mundial. (1942-1944). 2015. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. p. 76.

¹⁴³ **TRAINING OF THE 2ND ECHELON OF THE 1ST INFANTRY DIVISION, B.E.F.** WO 204 5848, The National Archive, Kew Gardens. O arquivo do bld encontra-se no National Archive, em Washington, D.C. Há cópias dos mesmos documentos no National Archive de Londres. O BLD formou-se nos EUA com graduados e oficiais americanos que se deslocaram ao Brasil para ajudar na instrução com o equipamento americano. Posteriormente, o grupo embarcou fragmentado nos vários escalões da FEB, a partir de quando seus oficiais passaram a emitir relatórios sobre a eficiência e aprendizado da tropa brasileira. Apud. MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial.** São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 50-51.

satisfactory”.¹⁴⁴ Não somente em casos específicos, os brasileiros foram qualificados positivamente pelas condições físicas, que se apresentavam acima da média. Para Maximiliano,

Os soldados, graduados e oficiais brasileiros eram motivados e capazes, mas uma vez chegados a Europa, a maioria absoluta precisou aprender a partir da estaca zero e muito pouco da quase nula instrução recebida no Brasil foi aproveitada. Ao menos os exercícios físicos executados na fase preparatória serviam para imprimir um nível de robustez e resistência na tropa expedicionária que sobressaia dentre as demais unidades de Exército Brasileiro.¹⁴⁵

Quando Mascarenhas de Moraes precisava organizar a força expedicionária, ele precisava de homens que fossem capazes de atuar nas mais diversas funções. Estas funções não exigiam mais a força bruta apenas, mas era fundamental que possuissem ao menos o nível de instrução primário, que acabou por se configurar em 70% da FEB. Um número muito elevado para os padrões do Brasil dos anos 40.¹⁴⁶

Para que fosse recrutado esse tipo de soldado, os recrutadores foram procurá-los no meio urbano onde poderia ser achado aqueles com pelo menos a instrução primária. Não somente do meio urbano, os principais locais de onde vieram os recrutados foram as regiões Sul e Sudeste. Ainda assim houve participação considerável das outras regiões, apenas não tão predominantes como nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Distrito Federal, como mostrado na tabela seguinte:

Tabela 2. Contribuição dos Estados, em praças, para a organização da FEB.¹⁴⁷

Distrito Federal	6.094	25,71%
São Paulo	3.889	16,41%
Minas Gerais	2.947	12,43%
Rio de Janeiro	1.942	8,19%
Rio Grande do Sul	1.880	7,93%
Paraná	1.542	6,51%
Santa Catarina	956	4,03%

¹⁴⁴ Ibidem. p. 51.

¹⁴⁵ Ibidem. p. 44-45.

¹⁴⁶ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 62.

¹⁴⁷ Tabela extraída de MORAES, M. **A FEB pelo seu Comandante**. Progresso. Rio de Janeiro, 1947.

Bahia	686	2,89%
Mato Grosso	679	2,86%
Pernambuco	651	2,75%
Ceará	377	1,59%
Paraíba	349	1,47%
Espírito Santo	345	1,46%
Rio Grande do Norte	341	1,44%
Pará	281	1,19%
Sergipe	192	0,81%
Alagoas	148	0,62%
Maranhão	134	0,57%
Goiás	111	0,47%
Amazonas	91	0,38%
Piauí	67	0,28%
TOTAL	23.702	100%

O quadro de integrantes da FEB não reflete o contexto brasileiro da década de 40. Não apenas pela relevância maior de alguns Estados, mas também pela porcentagem dos advindos da zona rural, que representam apenas 43,8% da FEB, em relação a 71,7 do Brasil.¹⁴⁸ Também pode-se notar que a diferença entre aqueles vindos da zona rural e urbana se acentua com o grau mais elevado de patente, segundo mostra a tabela:

Tabela 3. Proveniência das áreas urbanas.¹⁴⁹

Segundos-sargentos	84,3%
Terceiros-sargentos	76,1%
Cabos	74,5%
Soldados	56,2%

Estas informações contradizem muito a noção errônea de muitos autores que, nas palavras de Maximiano, “influenciados por fetiches sertanistas do Modernismo” se tornaram responsáveis pela “percepção de que a FEB teria sido composta de homens

¹⁴⁸ CARONE, E. O ESTADO NOVO 1937-1945. Difel. Rio de Janeiro, 1977. Apud. MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 61.

¹⁴⁹ Tabela fornecida por Cesar C. Maximiano. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 61. Baseada a partir do total de expedicionários mortos na Itália com as informações do Boletim Especial do Exército de 1946. Foram considerados como residentes em áreas rurais os expedicionários que habitavam fazendas, sítios, leitos de ferrovias e nomes de localidades apresentados apenas distritos e municípios, sem maiores detalhes quanto a número de casas ou prédios e denominação de logradouros.

oriundos de regiões que supostamente representam um Brasil mais ‘puro’ e ‘autêntico’.¹⁵⁰

Ainda assim, a grande parcela dos expedicionários são provenientes do Rio de Janeiro. Alguns autores relacionam o comportamento do praça, suas vitórias e adaptação ao front a sua inerente “malandragem”. Patrícia da Silva Ribeiro, em *Em Luto em Luta: construindo a memória da FEB*, afirma que

podemos encarar, sem estranhamento, a participação do malandro na guerra, como sugere a marcha de Chico Buarque¹⁵¹ que (...) ao descrever personagens típicos do carnaval carioca – do qual o maior símbolo é, sem dúvida, o malandro – em alerta para o conflito no campo de batalha¹⁵²

Embora a maior porcentagem dos pracinhas é representada pelo Rio de Janeiro e Distrito Federal, locais de onde a “malandragem” se tornou notável. Relacioná-la a guerra em si, pode ser um erro. Fica muito claro, quando ao lermos os relatos da FEB e da FAB, que a cultura brasileira está bem presente no dia a dia do soldado. Inúmeros sambas foram compostos dentro das trincheiras e há até um relato de um americano descrevendo uma possível roda de capoeira. Mas em todos os documentos e relatos pesquisados, não encontrei nenhum que mostrasse qualquer tipo de “malandragem” dentro do combate. Em alguns relatos como é costumeiro no *Senta Pua!*, de Rui Moreira Lima, obra cujos costumes e brincadeiras dos pilotos são bem descritas, assim como suas anedotas; podemos encontrar algumas ocorrências deste fator mítico.

Como exemplo disso, o relato sobre Carlos Nogueira Teixeira, Cabo do 1º Grupo de Aviação de Caça, também conhecido como Malandro Ruço. Quando este estava em uma viela de Pisa, se viu obrigado a dar carona para três “mal-encarados”. Era ligeiramente comum os soldados americanos “*tomarem de seus camaradas aliados, em verdadeiros assaltos, jipes, caminhões ou qualquer outra viatura, usando-os durante seu período de folga. Depois a abandonavam por aí e seguiam para a linha de*

¹⁵⁰ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 56.

¹⁵¹ Referência a música Rio 42 de Chico Buarque de Hollanda.

¹⁵² RIBEIRO, Patrícia da Silva. **EM LUTO E LUTA: construindo a memória da FEB**. Rio de Janeiro, 2013.

frente.”¹⁵³ Um destes três apontou a arma para Teixeira e o forçou a sair de seu veículo. Sem obedecer ao comando, Teixeira usou de lábia para enganar os americanos e logo em seguida, aumentou a velocidade e freou bruscamente na curva, capotando o jipe. O “Ruço” rapidamente sacou sua peixeira e desarmou os três. Quando questionado no posto da MP (Military Police), perguntaram como teria feito o milagre de desarmar os três estando ele sozinho. Teixeira então opta por não responder pois não queria “dar a dica da peixeira”.¹⁵⁴

Em uma das brincadeiras do 1º Grupo de Aviação e Caça, nas noites de muita bebida, Rui Moreira Lima cantava esse pequeno samba (de Francisco Alves, “Olham vejam só):

*“Ora vejam só
A mulher que eu arranjei
Ela me fez carinhos até demais
Chorando era me pede meu “Ruizinho”
Deixa a malandragem se és capaz”*

Em vários outros casos podemos notar a influência do samba, do “malandro”, dos “jeitinhos” que só os brasileiros sabiam fazer. Mas esses casos são vistos, em sua maioria, na retaguarda, ou então na linha de frente, mas nos momentos de calma. Quando estavam em combate, a eficiência neste só se daria se seguissem o treinamento, que não abria espaço para “jeitinhos”. Os soldados preocupavam-se com suas vidas, sempre expostos em localidades ruins, onde mal podiam ver o inimigo para se ter uma linha de tiro precisa. Em alguns momentos exigia-se o uso das baionetas, principalmente ao invadir algum prédio, onde o pouco espaço fornecido, forçava os combatentes usar do corpo-a-corpo. E não seria um “golpe de capoeira” bem dado que derrotaria o alemão.

Maximiliano, ao tratar desses mitos, julga responsáveis os correspondentes, ou mesmo alguns escritores, como a enfermeira Elza Cansanção Medeiros, que colaborou para fantasiosos relatos de que os “alemães tinham medo de faca”. Dando mais ênfase aos correspondentes Rubem Braga e Joel Silveira, afirma que:

¹⁵³ LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!** Rio de Janeiro, 2011. Editora Action. p. 558.

¹⁵⁴ Ibidem. p. 558-559.

A insistência com que os dois mais famosos correspondentes de guerra produziram despachos sobre Monte Castello e Montese ajudaram a moldar a percepção arraigada no pós-guerra de que a campanha da FEB teria se limitado a esses dois combates. Embalados por exaltado entusiasmo regionalista, deram vazão à ideia de que a FEB tinha sido constituída de modo a bem representar a população dos sertões brasileiros, promovendo o julgamento de que o “jogo de cintura”, a criatividade e a “malandragem” tupiniquim teriam colaborado para finalmente derrotar a Wehrmacht. Essas fantasias talvez fossem necessárias para a sustentação do moral e o espírito de corpo no tempo da guerra. Pretender preservá-las nos dias atuais é, no entanto, um grosseiro menosprezo à dureza de condições e do aprendizado de combate que os expedicionários precisaram enfrentar.¹⁵⁵

Apesar das críticas feitas aos correspondentes, em alguns momentos chegaram a pisar na linha de frente de fato, experimentaram o “aconchego” de um *fox-hole*; e, em certo momento, Joel Silveira chegou a constatar como estavam realmente os pracinhas das linhas avançadas¹⁵⁶ – barbudo, sujos e fatigados – título dado a obra de Maximiliano. Joel também se viu perto da morte quando, ao observar a patrulha do Sargento Max Wolf Filho, tiros de metralhadora passaram rente a sua posição.¹⁵⁷ Rubem Braga, em certa crônica¹⁵⁸, admite-se um turista, mas testemunha o árduo trabalho dos praças no *front*. Ele sabia sua posição naquela guerra e não procurou compará-la à do combatente.

Os correspondentes tiveram a função de mostrar o lado da imprensa a favor da FEB. Havia ainda dúvidas em relação a sua importância e funcionalidade, no Brasil. Não à toa, o clima inicial de animosidades entre oficiais e correspondentes. As notícias que a imprensa brasileira criticava duramente a FEB, chegava a ofender seus integrantes, que em protesto, fazem a sua defesa no jornal *O cruzeiro do Sul*:

Soubemos com grande mágua (sic) que certos jornais do Brasil, baseados em informações errôneas e – quem sabe – tendenciosas, têm publicado comentários absolutamente falsos sobre a F.E.B. Notícias inverossímeis ou pouco expressivas, que apresentam a participação dos brasileiros nesta luta como um passeio de turismo pela Europa. Nós que estamos aqui sabemos que não é assim e temos obrigação de desmentir. E protestar.

¹⁵⁵ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 290.

¹⁵⁶ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 76.

¹⁵⁷ Ibidem. 145.

¹⁵⁸ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. p. 134.

De onde tirarão esses jornais as suas informações? Dos correspondentes de guerra temos certeza que não. São eles os primeiros a protestar conosco. Na abundante correspondência (sic) que vêm enviando ao Brasil desde estão aqui, não fazem senão contar a verdade sobre a nossa tropa relatando os seus feitos e as condições que que (sic) lutam. Será da correspondência particular, em que o soldado em vez de contar basófia, escreve à família procurando tranquilizá-la e dizendo que está tudo muito bem? (...) Isto, além de uma grande injustiça contra aqueles que estão lutando e morrendo pela sua pátria, é muito pouco hábil, pois cria neles a mais natural das revoltas contra os que que (sic) insistem em ignorar o seu sacrifício.¹⁵⁹

O autor não identificado deste texto do jornal *O Cruzeiro do Sul*, levanta uma série de possibilidades para a repercussão negativa ocorrida no Brasil. Uma delas, considero como fator agravante desta situação: as cartas. No entanto me refiro às cartas dos expedicionários que não chegaram a combater. Estes ocupavam uma série de trabalhos tão essenciais para o funcionamento de qualquer exército modernizado, grupos da engenharia, a intendência em geral, o alto oficialato e os motoristas. Muitos deles admitem as boas condições de vida, apesar de algumas vezes serem alvos de bombardeios. Os sapadores e motoristas que passavam pelas áreas mais perigosas, como é o caso da Rota 64, no entanto tiveram sua cota de exposição ao perigo constante. Mas havia aqueles, como o Leônidas Macedo Filho, que, em suas cartas, demonstra bastante conforto. Em suas correspondências que são direcionadas a sua mãe, ele alega que trabalha em um “escritório”, ou seja, no Quartel General. Nelas, relata ter visitado Roma, ter visitado os pontos turísticos e até ter encontrado o Papa. Em outra carta revela o seguinte:

Sentí (sic) muito deixar a cidade onde passei quazi cinco meses ou melhor, durante todo o inverno e onde eu era bastante conhecido e tinha algumas amizades. Entretanto não foi tão ruim como eu pensava pois cada vez que se vai à um novo lugar se encontra melhor acolhimento.¹⁶⁰

Nesta outra demonstra um ponto ainda mais aconchegante já nos dias últimos da guerra:

¹⁵⁹ **O CRUZEIRO DO SUL**. 10 de janeiro de 1945.

¹⁶⁰ MACEDO FILHO, Leônidas.

<https://picasaweb.google.com/leonidasmacedofilho/LMFFEBCartasEnviadasERecebidas#5270725361038519554>. Último acesso em 04/12/2015.

Estou na cidade de Voghera, ultimamente capturada pelas tropas brasileiras. Esta cidade fica perto de Genova e Milão. Estou otimamente instalado em um clube de foot-ball onde tem duas piscinas para se tomar banho e ocupo um apartamento onde tem banheiro e toda instalação sanitária. Por todos lugares onde estive, este é o que melhor fiquei instalado.¹⁶¹

Ao analisar cartas como esta, em contraposição aos relatos do *front* podemos perceber a grande variedade de experiências vividas nos mais diversos pontos do T.O. da Itália, tornando assim difícil generalizar a ação dos mais de vinte e cinco mil homens que compunham a FEB e a FAB.

Ao relembrar de seus tempos de FEB, o Tenente Agostinho José Rodrigues comenta ter passado tanto pela linha de frente, como foi citado acima, quanto na retaguarda, na intendência como municionador. Em seus relatos mostra que apesar da crueza do combate, passou um dos maiores tempos de paz de sua vida na retaguarda.¹⁶²

Trinta e cinco anos depois da guerra, Agostinho voltaria a visitar as mesmas localizações em que passou pela FEB. Ao falar com os italianos, estes se revelam bem contentes com a presença do veterano. Muitas vezes chamaram os pracinhas brasileiros de libertadores, o respeito se fazia muito presente entre eles. Em certo momento, ao visitar Gagglio Montano, foi recebido na pequena cidade como uma celebridade, sendo atendido até mesmo pelo vice-prefeito.¹⁶³ Maximiliano também comenta a cooperação dos italianos quando em sua visita ao antigo teatro de operações, da qual ele comenta a particular ajuda de Fabio Gualandi, cidadão de Gagglio Montano que colaborou com sua pesquisa, além de ajudar e participar também no documentário *A Cobra Fumou* (2002).

A impressão deixada pelos brasileiros na Itália foi muito positiva, nestas regiões, sendo até mais lembrado que os americanos. Rubem Braga chega a falar sobre a relação de italianos e brasileiros, que interagiam muito bem. Além dos brasileiros terem adotado o italiano como segunda língua (os brasileiros, em muitos relatos, demonstram falar constantemente em italiano, até mesmo para falas comuns do cotidiano), há casos em que demonstram a generosidade e aproximação dos brasileiros para com os

¹⁶¹<https://picasaweb.google.com/leonidasmacedofilho/LMFFEBCartasEnviadasERecebidas#5270726114054986882>. Último acesso em 09/12/2015.

¹⁶² RODRIGUES, Agostinho José. **TRINTA E CINCO ANOS DEPOIS DA GUERRA**. Imprensa Oficial do Estado. Curitiba, 1981. p. 39.

¹⁶³ Ibidem. p. 42.

italianos, como por exemplo nas refeições do exército, da qual Rubem Braga alega que os brasileiros dividiam parte ou resto da comida do rancho para os refugiados, enquanto os americanos e ingleses dificilmente o faziam.¹⁶⁴ Sobre esta interação, Braga explica:

Já escrevi que os brasileiros são bem recebidos onde chegam. O mesmo acontece com todas as forças aliadas, mas há um fator que facilita especialmente a boa compreensão de brasileiros e italianos: a semelhança das línguas, que em muitos casos se resolve em camaradagem. A generosidade brasileira se mostra: desde que desembarquei, numa chuvosa manhã, vi, no comboio de caminhões que rumava para o acampamento, soldados brasileiros atirando cigarros, caramelos e chocolates aos italianos que acenavam alegremente à beira da estrada.¹⁶⁵

Alguns entusiastas, ao falarem do Brasil na Segunda Guerra, enfatizam os atos da FEB como heroicos e cheios de glória.¹⁶⁶ No entanto, os veteranos, cientes do papel limitado da FEB, não gostam de serem chamados de heróis, cabendo este título aos tombados na guerra. Ainda assim alguns nomes são muitos lembrados nos relatos febianos, como é o caso do Sargento Max Wolf Filho, que era muito querido por sua tropa. Na crônica *A Morte do Sargento*, Joel Silveira descreve estar presente quando Max foi ferido e morto. Pois o sargento saía em mais uma patrulha para um local onde acreditava-se ter pouca chance de encontrar o inimigo, e, quando atravessava uma cerca, foi alvejado e morreu no mesmo local. Na tentativa de salvá-lo, outro homem do grupo também foi morto e logo notaram que os alemães não deixariam recuperá-lo. Pois a patrulha lutou da tarde até a noite para vingar o companheiro.¹⁶⁷ Posteriormente, após a guerra, as ações de Wolf Filho foram lembradas e prestigiadas. Atualmente podemos encontrar a Escola de Sargentos Max Wolf Filho como busca desse reconhecimento.¹⁶⁸

Pois os ditos heróis brasileiros não tiveram mortes gloriosas. Morreram como qualquer outro soldado, em batalha ou até mesmo em acidentes, algo muito comum neste T.O. Destas pessoas, vítimas de tristes acidentes está Frei Orlando. Muito lembrado nas páginas da internet de entusiastas e pela ANVFEB, Frei Orlando foi

¹⁶⁴ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. p. 66.

¹⁶⁵ Ibidem. p. 49.

¹⁶⁶ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 32.

¹⁶⁷ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 143-146.

¹⁶⁸ <http://www.esa.ensino.eb.br/maxwolf/imagem/cartaMae.jpg>. Último acesso em 09/12/2015. Nesta página podemos encontrar a carta enviada a mãe de Wolff, sobre seu falecimento.

considerado herói e hoje é o Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. No dia 20 de janeiro de 1945, quando estava sendo transportado em um jipe, este ficou preso por uma pedra parando assim o veículo. Enquanto os passageiros tentavam remover a pedra, um italiano que se encontrava junto tentou removê-la à base de coronhadas de seu rifle, que disparou acidentalmente e atingiu o Frei, que apenas tem tempo para tirar de seu casaco seu terço e orar, e, enquanto seus companheiros buscavam socorro, acabou morrendo.¹⁶⁹ A notícia de sua morte foi anunciada com tristeza pelo *O Cruzeiro do Sul*, no dia 8 de abril de 1945.



Imagem 6: Fotografias do cotidiano de Frei Orlando no T.O. da Itália. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

O Cruzeiro do Sul, também contou outras histórias igualmente tristes, como foi o caso do Sargento Wilson da 7ª Companhia. Na Coluna do Cabo Borba, reservada geralmente para cartas e fatos do Brasil, traz nesta edição, de 21 de janeiro de 1945, a carta de outro sargento, que conta os feitos de Wilson. No relato, conta que Wilson era de baixa estatura e lutou muito para fazer parte da FEB, pois era baixo demais para o padrão. Assim, após muito custo conseguiu agregar as fileiras expedicionárias. Conta,

¹⁶⁹ PALHARES, Gentil. O relato abreviado do livro *De São João del-Rei ao Vale do Pó pode ser encontrado em* <http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/freiorlando.htm>. Último acesso em 05/12/2015.

seu companheiro, que lutar pelo Brasil era o que mais queria, pois era um “entusiasta, ansioso para lutar”.¹⁷⁰ Mas no dia em que tanto esperava, em sua primeira batalha, no dia 29 de novembro de 1944, deu sua primeira e última investida. Cabo Borba, comenta que a forma abrupta em que morreu Wilson seria um exemplo lembrado por gerações, pois foi um verdadeiro herói. Mas fatos como o de Wilson, ocorreram constantemente entre as tropas brasileiras e raramente são lembrados.¹⁷¹

Os holofotes estavam virados para o T.O. da Itália em 1943 e 1944, principalmente após a conquista americana na cidade de Roma, em 4 de julho de 1944. Mas dois dias depois com a abertura da frente ocidental na França, com a invasão da Normandia, estes holofotes se voltaram para aquelas tropas e aquele T.O., e por lápairaram até o fim da guerra na Europa. O próprio 5º Exército Americano foi esquecido naquele T.O. pouco lembrado, após tantas conquistas. Pois a FEB vem integrar o 5º Exército Americano já nesta situação.

Quando comparada aos feitos americanos na França, as vitórias febianas parecem muito singelas, ainda mais quando apresentadas em números. Havia em torno de 175.000 soldados nos transportes que desembarcaram nas tropas da Normandia e somando com as tropas nos navios, paraquedistas e operadores dos blindados, chegava-se a mais de 300.000 homens em apenas uma operação. O efetivo prometido pelo Brasil para ajudar na causa aliada seria em torno de 100.000 soldados, mas acabou apenas enviando em torno de 25.000, por isso foi anexada ao 5º E.A. Até o fim do conflito o Brasil pouco reforçou suas fileiras, enquanto o efetivo dos Estados Unidos chegou ao assustador marca de mais de 7 milhões de homens compondo suas forças armadas no final do conflito.¹⁷²

Mesmo dentro do T.O. da Itália, os brasileiros eram ofuscados pela participação americana. Quando Maximiano entrevistou o veterano Vicente Gratagliano, notou que este “acreditava que os americanos destinavam a seus aliados os setores mais ingratos da linha de frente, reservando as grandiosas entradas nas cidades principais para seus próprios soldados. Gratagliano, também faz muito presente, em seu depoimento, as

¹⁷⁰ BORBA, José César. **O CRUZEIRO DO SUL**. 21 de janeiro de 1945.

¹⁷¹ Idem..

¹⁷² AMBROSE, Stephen E. **O DIA D, 6 DE JUNHO DE 1944**: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 44-45.

alusões ao frio e ao desconforto da rusticidade da vida.¹⁷³ De forma similar “muitos veteranos, ao retornar para a casa e relatar o desconforto, o frio e as dificuldades do dia a dia na campanha, surpreendia e desapontavam gente que esperava ouvir narrativas de peripécias e façanhas.”¹⁷⁴

Indo de encontro com estes relatos, o recente filme *Estrada 47*¹⁷⁵, conta a história de um grupo de sapadores, que após seu grupo ter sofrido um ataque de pânico, e temendo assim a corte-marcial, resolve limpar por eles mesmo a estrada 47. O trabalho que parecia tão árduo acabou sendo completado pelo grupo, que muito arriscou suas vidas no processo. Ao chegarem na vila da qual ligava a estrada, chegaram exauridos e foram recebidos com dúvida pelos italianos, que não entendia a presença daquelas tropas e não das americanas. Logo em seguida, com a notícia da estrada limpa de minas, os americanos chegam e fazem seu triunfo pelas ruas da cidade, sendo aclamado pela população enquanto os brasileiros apenas observam sentados na sarjeta.

Esta imagem final sublime criada pelo diretor Vicente Ferraz, materializa a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. E ao pesquisar o significado da palavra coadjuvante podemos encontrar o papel para o qual a FEB foi escalada: *“Emprego subalterno de um ator que só é útil para valorizar seus parceiros. “coadjuvar” é ter um papel secundário de comparsa.”*¹⁷⁶

Apesar do mundo, e até dos brasileiros, relegarem a história dos pracinhas, estes, quando dentro de seus *fox-hole*, ou conquistando os mais altos montes italianos, tinham uma missão a cumprir. E cumpriram.

¹⁷³ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 105.

¹⁷⁴ Ibidem. p. 97.

¹⁷⁵ **ESTRADA 47**. Dirigido e escrito por Vicente Ferraz, 2015.

¹⁷⁶ PAVIS, Patrice. **DICIONÁRIO DE TEATRO**. Perspectiva. São Paulo, 1999. p. 48.

particular, acreditava que o alemão já estava vencido. *Se olharmos* para a situação das frentes, ocidental e oriental, podemos ver uma Alemanha esmagada pelos exércitos americanos e ingleses no oeste, e soviéticos ao leste.¹⁷⁸Claramente as tropas de Hitler recuavam, mas não necessariamente estavam derrotas.

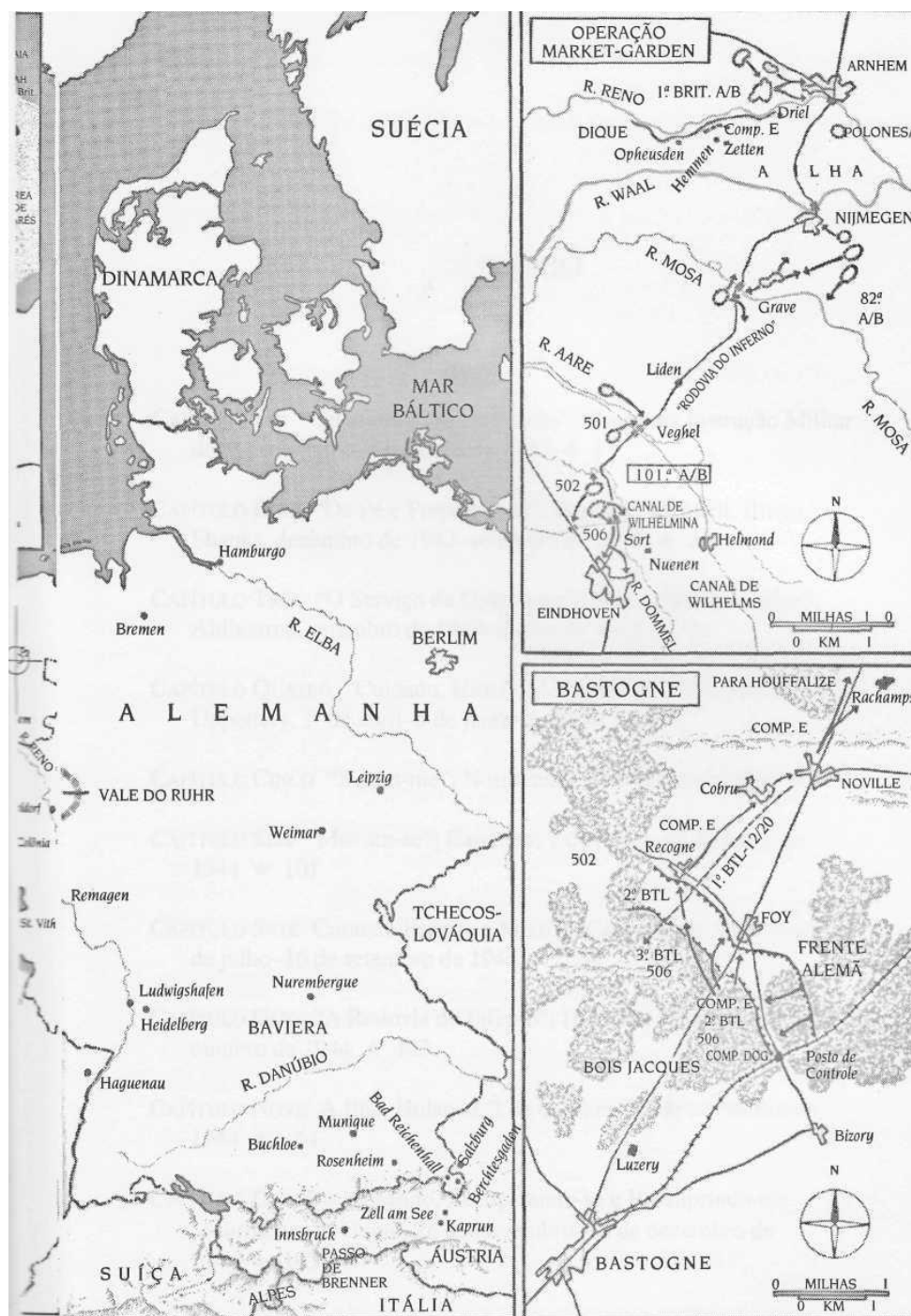


Figura 8: Mapa da Alemanha e das frentes de Guerra dos Países Baixos e Bélgica. Fonte: AMBROSE, Stephen E. **BAND OF BROTHERS**. Bertrand. Rio de Janeiro, 2006. p. 8.

¹⁷⁸O GLOBO EXPEDICIONÁRIO. 28 de setembro de 1944.

Apelidado de “Rolo Compressor”, as tropas soviéticas avançavam às duras perdas, e a cada metro de chão conquistado, as baixas se acumulavam, dos dois lados. Este foi o lado da guerra que computou o maior número de mortes em toda a Segunda Guerra Mundial e tais baixas não poderiam continuar por muito tempo. Os americanos e ingleses, sofreram baixas estrondosas durante a Operação Overlord, e a seguir em todo território francês. Como já dito anteriormente, pretendendo adentrar o território alemão através dos Países Baixos, os Aliados foram rechaçados pelas divisões Panzer, freando assim o andamento da guerra. Os planos de terminar a guerra na Europa antes do natal, foi frustrado.¹⁷⁹

Com a chegada do inverno, a guerra prejudicou os atacantes de forma muito semelhante como ocorreu com a própria Alemanha em sua ofensiva, na Operação Barbarossa. Com isso os ânimos baixaram, e os Aliados encararam o fato que a guerra ainda duraria por mais tempo.

O Cruzeiro do Sul, cuja primeira edição foi lançada apenas em 3 de janeiro de 1945, não inclui os mesmos ânimos de confiança exacerbada dos jornais do ano anterior como *O Globo Expedicionário*. No entanto, apesar do avanço mais lento que se fez durante o inverno, sem mostrar qualquer tipo de pessimismo a respeito, comemora bem as poucas vitórias do período. Além da sua publicação iniciar em pleno inverno, era também escrito e editado pelos próprios expedicionários, que sabiam bem como estava o contexto da guerra. Mesmo estando na retaguarda era sabido das dificuldades das linhas de frente, principalmente para aqueles que faziam a sua ligação.¹⁸⁰

Rubem Braga, que não costumava visitar a frente de batalha avançada, preferia na maioria das vezes, entrevistar o soldado da retaguarda. Suas crônicas, geralmente abordam a companhia de obuses, sapadores, os homens da intendência. Em certa crônica admite:

Mas um correspondente é, afinal, um turista. Sim, eu sou um boa-vida e posso confessar que no primeiro dia em que vi essas montanhas totalmente cobertas pela neve, e as fontes que saltavam das pedras transformadas em faíscas de gelo (...) fiquei incapaz de escrever sobre qualquer coisa sobre a guerra.¹⁸¹

¹⁷⁹ AMBROSE, Stephen E. **BAND OF BROTHERS**. Bertrand. Rio de Janeiro, 2006. p. 181.

¹⁸⁰ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. p. 238-242.

¹⁸¹ Ibidem. p. 134.



Figura 9: Brasileiros trabalham para remover a neve das estradas. Fonte: **O CRUZEIRO DO SUL**. 1 de fevereiro de 1945.

Rubem Braga demonstra que sua situação é tranquila e pacífica, mas reconhece que a beleza da neve e das montanhas dos Alpes Italianos, são justamente os motivos de sofrimento do pracinha entrincheirado¹⁸². Mas também relata alguns casos das dificuldades da retaguarda:

E os italianos que voltaram para suas casas passam as manhãs a lutar contra a neve que se amontoa sobre os telhados e bloqueia a entrada das casas. Os americanos, usando carros especiais com rodas de lagarta, tratam de desobstruir as estradas. Onde esses limpadores não são em número suficiente funciona a pá. (...) o pessoal da Engenharia brasileira tem muito o que fazer para manter em tráfego as estradas e caminhos que ligam os quartéis-generais, postos de comando, postos de retaguarda e posições avançadas. A conservação desses caminhos exige uma luta diária e intensa – é uma luta bastante áspera, quando sopra sobre as montanhas um vento forte que açoita as caras com neve. (...) Vi, numa destas manhãs, soldados do Serviço de Inteligência tirando caixote de munição para carregar os caminhões vindos das unidades. Nevara tanto pela madrugada que os homens tinham de se afundar na neve até quase a altura do peito para trabalhar.¹⁸³

Municiar as tropas do *front* era essencial. Mas para fazer esta tarefa era necessário um grande número de motoristas que passavam pelas perigosas estradas montanhosas. Estas estradas se tornaram quase intransitáveis pela neve, e mais tarde, com a primavera, pela lama. De todas as estradas, a mais temida era a Rota 64, utilizada pelos Aliados e pelos alemães. Era comum, aproveitando-se de sua posição privilegiada,

¹⁸² BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. p. 135.

¹⁸³ Ibidem. p. 162-163

nos altos das montanhas, localizar os veículos aliados e bombardeá-los. Para impedir situações como essa, eram utilizados geradores de fumaça para prejudicar a visão do *tedesco*.¹⁸⁴ Essa artimanha era utilizada principalmente na “‘curva da morte’ – nome que ficou para sempre na mente do pracinha – inspirava temor aos motoristas ainda maior que a ponte mais abaixo sobre o rio”¹⁸⁵, onde Joel Silveira adverte dos perigos, em seu texto:

Mas antes de chegar ao QG avançado, em Porreta-Terne, tínhamos de vencer mais alguns obstáculos, além daquela buracaria toda da 64 (rota), e escapar de algumas armadilhas. Entre estas, e talvez a mais solerte, era a Ponte dela Venturina, nome do lugarejo e também da ponte que cruza o Reno (o pequeno Reno italiano e não o Reno alemão), bem na entrada da cidade. Os artilheiros alemães tinham predileção especial pela maldita ponte, talvez porque aquela, a Bailey de módulos de metal armada pelos norte-americanos, nada tinha a ver com a velha, heráldica, de pedra, que eles haviam destruído quando de sua retirada. Passar por ali era uma provação diária. E nós, correspondentes vindos de Pistóia, não tínhamos opção: era cruzar a ponte ou ficar do lado de cá. Quer dizer, do lado de cá da guerra.¹⁸⁶

Apesar do fornecimento de suprimentos ser regular, os brasileiros estavam em situação desvantajosa não só por causa do terreno, mas também na questão de armamentos. Ao contrário do exigido pelo comandante da FEB, o General Mascarenhas de Moraes, os americanos não forneceram o mesmo armamento utilizado por suas tropas. Enquanto utilizavam o M1 Garand, fuzil semiautomático, relegaram aos brasileiros os fuzis Springfield, que provinham ainda da Primeira Guerra. Apesar de ser um rifle confiável, por conta de sua cadência de tiros baixa limitada pelo sistema de ferrolho, estava muito aquém do poder de fogo dos utilizados por seus inimigos e aliados. Além disso os brasileiros dispunham de uma quantidade muito limitada das metralhadoras Thompson, ou mesmo das armas de suporte como a BAR (Browning Automatic Rifle) só utilizadas em situações mais específicas de combate, por conta de sua indisponibilidade.¹⁸⁷ As armas do *tedesco*, em contrapartida, eram temidas, principalmente por conta da MG42, metralhadora, que segundo os relatos de muitos pracinhas, tinha o poder de cortar um homem em dois.

¹⁸⁴ RODRIGUES, Agostinho José. **TRINTA E CINCO ANOS DEPOIS DA GUERRA**. Imprensa Oficial do Estado. Curitiba, 1981. p. 20

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 13.

¹⁸⁷ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 89.

Por conta do treinamento limitado, não obtiveram a oportunidade de testar este armamento previamente, podendo fazer uso deste apenas quando chegaram em solo italiano. Mascarenhas de Moraes considera esse um dos fatores principais que prejudicaram o bom funcionamento da FEB em campo de batalha. Além desse motivo, considerava a doutrina francesa de guerra, adotada pelo Brasil, um empecilho, pois, para ele, ia contra a utilizada pelos americanos. Entretanto, para Maximiliano, entretanto, as duas doutrinas de guerra não eram tão diferentes assim:

Essa interpretação partia do pressuposto de que o sistema militar francês havia se arraigado universalmente na formação profissional do Exército Brasileiro, entravando a absorção do treinamento americano. O que ocorreu foi exatamente o contrário: caso tivesse realmente se consolidado, a doutrina francesa teria possibilitado uma transição mais ágil para o sistema americano. Quanto mais profissional um exército, mais fácil é a adaptação de seu contingente às novas doutrinas.¹⁸⁸

Estes fatores determinavam muito o desempenho de uma tropa. Estes fatos podem parecer meros detalhes aos nossos olhos contemporâneos acostumados a uma “guerra cirúrgica vista pela televisão”, mas *“quando se pretende compreender os problemas de uma guerra, é impossível prescindir de um conhecimento adequado dos armamentos, organização militar, princípios doutrinários e táticas empregadas.”*¹⁸⁹

Ao fim do inverno, a FEB se encontrava melhor preparada para as investidas que ocorreria com a chegada da primavera. Estes meses de inverno, considerados os mais sofridos para a FEB, temperaram os soldados brasileiros, que, somado ao treinamento refeito, torno-os uma tropa extremamente efetiva. Pois era justamente isso o necessário para a próxima empreitada, que seria o temível Monte Castelo. Agora em sua terceira e última tentativa.

O local mudara um pouco desde o último ataque. Se antes fora feito nos primórdios do inverno, agora era feito em seu fim, e a lama e o frio se faziam presente nos dois momentos. As tropas brasileiras, agora já acostumadas com os rigores do tempo, deixavam seus fox-holes, e agora avançava mais uma vez montanha acima, pisando na lama que a neve derretida ia deixando. Se outrora a FEB, quando atacou o mesmo monte da última vez, era despreparada, realizava um ataque frontal, o efetivo era

¹⁸⁸ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 53.

¹⁸⁹ Ibidem. p. 31.

pequeno e lutava contra um inimigo bem fortificado, agora a situação mudava em seu favor. Destes empecilhos, apenas a posição superior do inimigo ainda era um problema, pois a FEB havia superado as outras dificuldades.

Agora, neste novo ataque, os flancos do monte estavam seguros pelos Aliados. Com as recentes conquistas em seu entorno, permitia agora o ataque pelos flancos. Pelo flanco esquerdo vinham os reforços americanos, compostos pela 10ª Divisão de Montanha do 5º Exército, tropa especializada em guerrear neste tipo de terreno e que recentemente havia chegado neste setor.¹⁹⁰

O ataque começou às seis da manhã, sendo as tropas brasileiras em ofensiva, o 1º Regimento de Infantaria, o Sampaio. E após uma batalha custosa, como mostra os dados dos hospitais de campanha,¹⁹¹ às 17h50, o Major Franklin enuncia pelo rádio: “Estou no cume de Monte Castelo”. Os alemães em retira bombardearam o monte em retaliação, mas dali os brasileiros não mais saíam: “estamos em Castelo e ninguém mais nos tira daqui.”¹⁹²

Após a desforra brasileira no Monte Castelo, as rotas estavam abertas para novas ofensivas. Finalmente no topo, o pracinha poderia ver a Itália de um panorama diferente, aquele que antes era privilégio do *tedesco*, e agora era seu maior trunfo, como bem relata Rubem Braga:

Fazia frio, e o céu era azul. Acabou-se no momento, aquela desgraça do inverno, com todas as posições brasileiras abaixo das alemães. Daqui, de onde o nazista ficava de dentro das casamatas e abrigos que ele abandonou, podemos ver lá atrás as casas onde dormíamos, as estradas por onde tínhamos de andar, as pontes que a todo momento passávamos. E é com um binóculo alemão que um soldado me emprestou (sua presa de guerra) que posso contar os carros que esperam em fila para passar aquela ponte.

Daqui eles regulavam o tiro de seus canhões. Identifico aquele telhado sob o qual dormi nas noites geladas de janeiro, acordando com o fragor das explosões. Do alto desta montanha e de muitas outras, a esquerda e a direita, eles vigiavam os nossos movimentos, espionavam a nossa vida de atribulações e sobressaltos. Para não sermos vistos em todos os lugares a todas horas, estendíamos rede para vedar as pontes, entupíamos a estrada com fumaça artificial, descíamos essas mulateiras vertiginosas com os faróis apagados, na escuridão de

¹⁹⁰ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 95.

¹⁹¹ Ibidem. p. 135.

¹⁹² Afirmação do Major Franklin para Joel Silveira, no dia seguinte após a o revide alemão. SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 98.

buracos e precipícios. (...) Olho essas montanhas. São belas inimigas.¹⁹³

Em “Fins de Março”, crônica de Rubem Braga, este revela que os recentes discursos feitos pelo General Truscot e General Clark, sugerem que brevemente a Campanha da Itália iria iniciar uma nova fase, de grandes movimentos. *“Plantados agora em boas posições os brasileiros esperam o momento em que receberão ordens de avançar para o norte.”*¹⁹⁴

Enquanto, os brasileiros aguardavam as ordens de avanço, as notícias dos outros *fronts* eram extremamente positivas, graças ao rápido avanço das tropas Russas rumo a Berlim. Enquanto elas correm, surge entre os brasileiros boatos de paz ou, entre os mais pessimistas, que iriam para a Áustria, dar continuidade a guerra. Mas diante do pensamento mais pessimista, era difícil não notar os fatos que prenunciavam a derrota nazista. *Nestes últimos tempos, alemães tem sido feito prisioneiros em condições que há meses atrás só induziam a rendição os italianos das desmoralizadas divisões de Graziani.*¹⁹⁵ Entretanto, não eram todos que se rendiam. Havia muito medo de, ao realizar o ato, estar condenando sua família: *“Os sinais de decomposição moral do inimigo vão se acentuando, mas, tirante os raros que se entregam, os alemães – ou por medo dos superiores ou temor de represálias contra as famílias ou por espírito de disciplina – continuam a lutar. E quando eles lutam a verdade é que lutam bem.”*¹⁹⁶

Apesar de sentir a vitória se aproximar, a guerra ainda não havia terminado. Por isso mesmo os praças temiam agora, mais do que nunca, morrer no “finzinho da guerra”. *“O homem acaba com uma espécie de ‘raiva’ e uma vontade de guerrear com mais fúria para que a vitória venha mais depressa – e se dispõem a atacar com mais ódio os nazistas porque eles continuam a lutar estupidamente uma guerra perdida.”*¹⁹⁷

Visto a tenacidade alemã em continuar a guerrear, a rotina do *front* permanece. Uma rotina que continua árdua e perigosa, pois os alemães ainda dispõem das mesmas armas, mesma experiência e posições vantajosas. No entanto, as posições agora não são tão intransponíveis como era em Monte Cassino nos primeiros assaltos.

¹⁹³ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. p. 356.

¹⁹⁴ Ibidem. p. 358.

¹⁹⁵ Ibidem. p. 359.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ Ibidem. p. 361.

Está visto que não se pode comparar a situação de agora com a do inverno, quando os tedescos dominavam todas as posições. O inverno para nós foi uma longa pantomina sem graça, de homens e máquinas, em um picadeiro de vários quilômetros, diante de um inimigo de arquibancada. Mas do alto das montanhas que conquistamos – ou que os americanos conquistaram – não pretendemos voar para o céu. Teremos de galgar outras montanhas, descendo e subindo para poder avançar, em um terreno que naturalmente equipara um defensor a dez atacantes.¹⁹⁸

Após Monte Castelo, vieram as vitórias cruciais em Castelnuovo no dia 5 de março de 1945 e mais tarde em Montese em 14 de abril de 1945. Abertas as principais rotas, americanos e brasileiros avançavam ligeiramente território adentro. Agora, dispunham de tanques, que passaram a ter finalmente sua serventia nessa campanha. Quando ainda estavam nos terrenos baixos, nos sopés das montanhas, era difícil para os operadores de tanque manobrar terreno acima. Muitas vezes, não conseguiam seguir o trajeto previsto e então recuavam para algum ponto seguro da vista do inimigo. Os soldados brasileiros, assim como os de todo o 5º Exército Americano, não apreciava a companhia blindada durante as ofensivas, pois estes atraíam o fogo da artilharia alemã e os infantess, em prejuízo “pegavam as sobras”.¹⁹⁹

Basicamente, quando a linha gótica se desfez, os alemães não puderam resistir contra os avanços Aliados. Sem o suporte das *Luftwaffe* e das divisões *Panzer*, e agora perdendo a vantagem do terreno, as infantarias alemãs, compostas principalmente pela 232ª Divisão de Infantaria e a 114ª Ligeira, principais adversários da FEB,²⁰⁰ não possuíam o poder de fogo para repelir os ataques. O piloto Theobaldo Antônio Kopp, da FAB, abatido anteriormente em 7 de março de 1945, passou a viver atrás das linhas inimigas sob o suporte dos *partigiani* italianos. Quando fica sabendo das investidas Aliadas no setor, resolve ir para o sul tentar encontrar seus antigos companheiros. No caminho, acaba encontrando esta situação:

No dia 21 de abril de 1945, as colunas de tanques americanos começavam a surgir na área de Fabrico, rumo ao Rio Pó. Deixavam em sua margem alemães e italianos, que se entregavam praticamente sem luta. Eram estranhos prisioneiros de guerra que marchavam sem escolta, formando grandes colunas que se dirigiam para o sul, para encontrar unidades aliadas a quem deveriam se entregar. Alguns, no

¹⁹⁸ BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro, 1964. p. 360.

¹⁹⁹ O CRUZEIRO DO SUL. 26 de abril de 1945.

²⁰⁰ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 82.

entanto, mantinham-se unidos e resistiam a qualquer ataque dos americanos. Para ele (Kopp) a guerra acabara quando os tanques vitoriosos por ali passavam em direção ao norte.²⁰¹

No dia 14 de abril de 1945, ao adentrarem a cidade de Montese, os brasileiros combateram o inimigo em ambiente urbano, local da qual não estavam acostumados a guerrear. Nessa, que foi uma das batalhas mais sangrentas da qual participou a FEB, “durante horas, os homens do 11º Regimento lutaram de casa em casa, até que os últimos cinco alemães foram mortos diante da igreja, velha de séculos.”²⁰² O comandante do IV Corpo de Exército, General Willys Dale Crittenger, disse as seguintes palavras, em relação ao desempenho dos brasileiros: “Na jornada de ontem, só os brasileiros merecem as minhas irrestritas congratulações; com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão Brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade.”²⁰³ Apesar da vitória glorificada, a cidade de Montese ficou em ruínas. Das estimadas 1.121 casas da cidade, mais de 800 foram destruídas.²⁰⁴ No quarto dia da presença brasileira, a cidade ainda sofria os bombardeios alemães, levando ao chão grande parte dos prédios restantes:

Há quatro dias que Montese já está definitivamente em mãos dos brasileiros, mas ainda é um lugar sem sossego. Suas ruas estão desertas. Ontem à noite o que restava da torre veio abaixo – vítima de um morteiro alemão. O Posto de Socorro Avançado brasileiro, onde há três dias estivemos em visita aos pracinhas feridos, foi hoje pela manhã atingido por uma granada incendiária – e ainda agora arde como uma imensa fogueira que ninguém se preocupa em apagar.²⁰⁵

Finalmente, após a conquista de Montese, a rota para a desejada Bolonha estava aberta. Apesar do caminho estar forrado de minas, pois a margem das estradas ainda não havia sido limpas,²⁰⁶ os Aliados preparavam o ataque à capital da província, local

decisivo para o controle do vale do Pó. Os brasileiros foram ordenados proteger o flanco das tropas americanas, a 10ª Divisão de Montanha e a 1ª Divisão Blindada, enquanto que mantinham e protegiam os locais recentemente capturados, como a cidade de

²⁰¹ LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!** Rio de Janeiro, 2011. Editora Action. p. 80.

²⁰² SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 147.

²⁰³ http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/montese_2.htm último acesso em 06/12/2015.

²⁰⁴ <http://www.portalfeb.com.br/armamento/feb-do-inicio-ao-fim/> último acesso em 06/12/2015.

²⁰⁵ SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro, 2005. Objetiva. p. 148.

²⁰⁶ Ibidem. p. 147.

Montese.²⁰⁷ Em uma de suas crônicas, Rubem Braga comenta sobre essa fase da campanha:

O Papel da FEB nessa arrancada do 5º e do 8º Exércitos para o vale do Pó tem disso secundário, mas esse papel secundário é bastante difícil. Era preciso avançar sobre o tedesco em toda a linha, de modo a que ele não pudesse remover forças para os pontos em que se processava o esforço final desta primeira fase, que foi coroada com a captura de Bolonha. Era preciso principalmente guardar o flanco das tropas que avançavam pelas principais vias de acesso ao norte.²⁰⁸

Indo de encontro com o já citado Gatagliano²⁰⁹, que dissera “que os americanos destinavam a seus aliados os setores mais ingratos da linha de frente, reservando as grandiosas entradas nas cidades principais para seus próprios soldados”, os eventos dessa fase da campanha colaboram com sua afirmação. Pois enquanto os brasileiros ficaram sob o fogo da artilharia protegendo as posições e defendendo o flanco das tropas que atravessavam as estradas, os americanos ficaram com a conquista final, a cidade de Bolonha. Apesar do Triunfo ter sido feito sobre os tanques americanos, o primeiro soldado a pôr os pés na desejada cidade, foi o soldado polonês, seguido logo depois do americano. Os brasileiros seriam apenas os últimos, representados por um correspondente de guerra, Rubem Braga:

Os poloneses entraram em Bolonha pela manhã e depois chegaram os americanos, os italianos aliados, sul-africanos e não sei quem mais. Foi à tardinha que o primeiro brasileiro entrou – era eu, num jipe, com um redator e o fotógrafo de The Star and Stripes. Logo atrás vinham o Joel, o Squeff e o Mitke.²¹⁰

A cidade se encontrava em grande alegria. Sua conquista era há muito tempo aguardada, motivo para grande comemoração entre civis e militares. Motivo para grande alegria vinham de outras frentes também, pois chegavam notícias de que os russos tomaram Berlim “*e como Bolonha caiu – essa miserável Bolonha que há tantos*

²⁰⁷ BRAGA, Rubem. **CRÔNICAS DE GUERRA**. Rio de Janeiro, 1964. p. 423-424.

²⁰⁸ Ibidem. p. 423.

²⁰⁹ MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua. p. 105.

²¹⁰ BRAGA, Rubem. **CRÔNICAS DE GUERRA**. Rio de Janeiro, 1964. p. 428-429.

e tantos meses cobizamos – há essa excitação de fim de guerra, que ninguém leva a

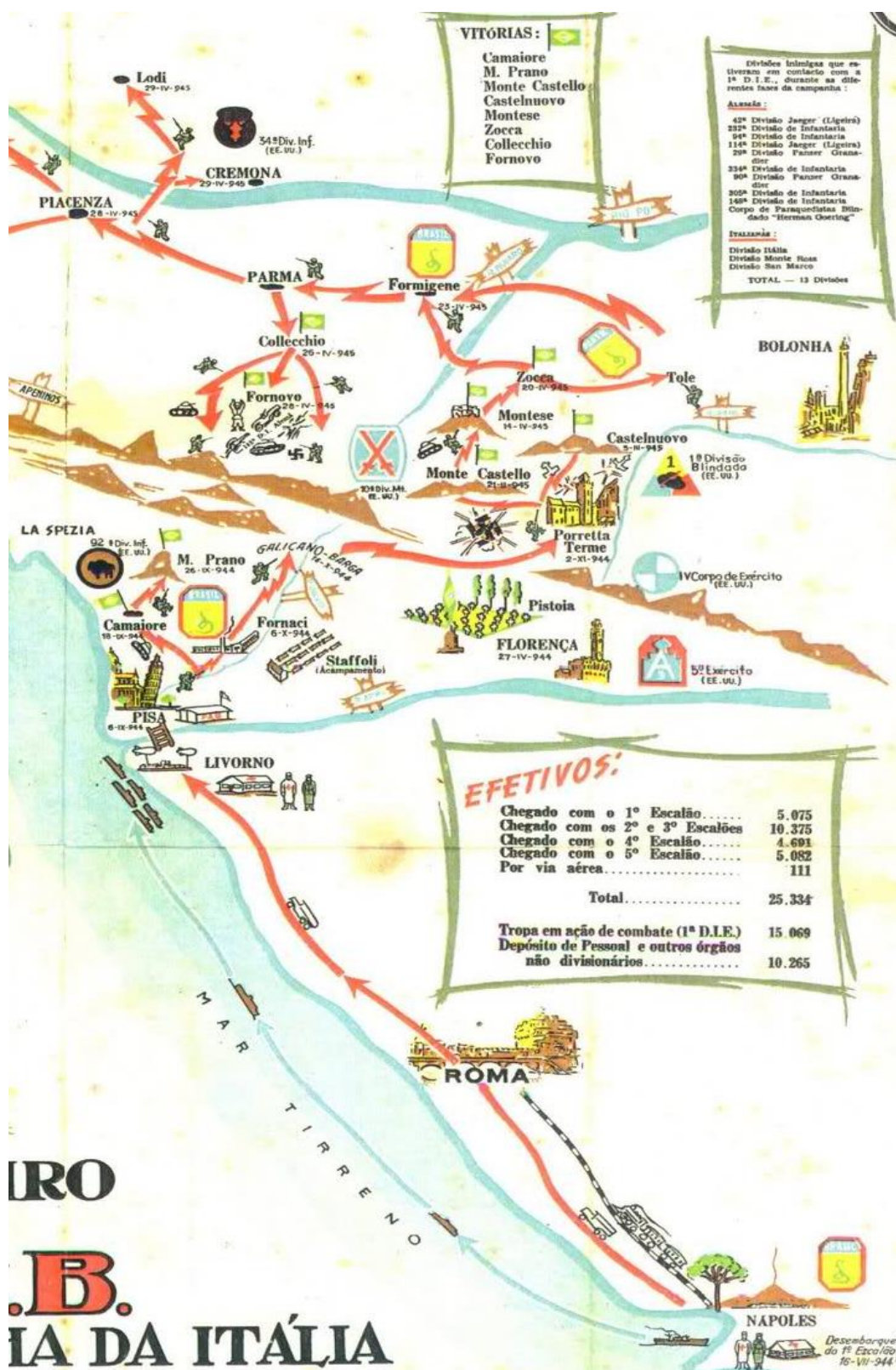


Imagem 10: Mapa do roteiro da FEB na Campanha da Itália. Fonte: Distribuído pelo Gabinete Fotocartográfico do Ministério da Guerra em 1945. Desenho de Alberto Lima.

sério.²¹¹ Tomada a capital da província as outras cidades cairiam eventualmente: “Grandes cidades nos esperam: Turim, Milão, Veneza, não sei que mais. Mas para esses homens do 5º e do 8º Exércitos isso serão conquistas eventuais. Nossa diferença era Bolonha; nossa guerra era Bolonha. Agora Bolonha é nossa.”²¹²

E na cidade libertada, o povo italiano vai às ruas em festa. Não apenas os italianos, da quais muitos deles participaram da retomada da cidade, mas uma grande variedade de nacionalidades se encontra na capital da província. Todas elas que já lutavam na mesma campanha, mas se encontram finalmente em confraternização, com exceção das tropas brasileiras que se atrasaram para o evento por consequência da estrada 64, ainda em mal estado e minada.²¹³ Mas em Bolonha, a comemoração não era apenas pela cidade propriamente, mas pelo fim da guerra.

Jornais como *O Cruzeiro do Sul* enunciavam as primeiras tentativas de negociação da rendição da Alemanha, que não ocorreria enquanto as Potências Aliadas, não entrassem em consenso.²¹⁴ A guerra ainda não terminara, mas sabendo que a rendição estava sendo negociada era motivos a mais para a celebração. Nos momentos finais da guerra, o Rio Elba foi cenário do encontro entre americanos com seus aliados da frente de guerra oposta, os russos, que se ajudaram e colaboraram sem nunca terem se encontrado até então. Algo parecido ocorreu em Bolonha, que foi o *Elba Day* do T.O. da Itália, reunindo brasileiros, americanos, poloneses, hindus, sul-africanos, neozelandeses e o povo italiano em confraternização pela guerra que chegava em seus dias finais. O sentimento se agravava pela ausência dos alemães, que após o encontro de alguns focos de resistência bem aguerridos deixados para atrasar o avanço aliado, passaram a não serem mais vistos.²¹⁵ No final de abril, sua presença era notada, em grande parte, apenas por sua artilharia, ou pelo inesperado bombardeio da Luftwaffe sobre a cidade de Bolonha “aproveitando a displicência dos Aliados”.²¹⁶

Apesar de não participar do Triunfo de Bolonha, os brasileiros se destacaram, nesse fim de guerra, por um grande feito: a captura de uma divisão alemã inteira, a 148º, como relata a notícia do *O Cruzeiro do Sul*:

²¹¹ BRAGA, Rubem. **CRÔNICAS DE GUERRA**. Rio de Janeiro, 1964. p. 428-429.

²¹² Idem. p. 430.

²¹³ Ibidem. p. 429.

²¹⁴ **O CRUZEIRO DO SUL**. 29 de abril de 1945.

²¹⁵ BRAGA, Rubem. **CRÔNICAS DE GUERRA**. Rio de Janeiro, 1964. p. 424.

²¹⁶ Ibidem. p. 433.

O comunicado do AFHQ (Allied Force Headquarters) do dia 29 informava que a Divisão de Infantaria alemã 148 rendeu-se às tropas comandadas pelo Gal. Mascarenhas de Moraes, com cerca de seis mil homens, mas de mil veículos e quatro mil cavalos, além de todo o material de guerra.

(...) Foi também aprisionado o general italiano Mario Carloni comandante da Divisão Italiana, que se rendeu através do general alemão.

No mesmo dia a F.E.B. aprisionou mais 5.000 inimigos, de outras unidades, que operavam na área.

A divisão 148 é uma velha divisão alemã que já lutou na Polônia, na Rússia e na Normandia. O Gal. Fretter (comandante da 148) conhece bem os campos de batalha da Europa. A sua recente missão era a defesa do porto de Spezia. Depois da grande ofensiva aliada, que colheu de surpresa todo o comando alemão, recebeu ordens urgentes para alcançar Collecchio, onde novos suprimentos deviam esperá-lo, afim que de que pudesse ir até Parma e cortar a importante estrada 9. Mas os brasileiros chegaram a Collecchio dois dias antes do general. Quando chegou a Fornovo, o comandante da divisão 148 percebeu que estava isolado. A 28 de abril começamos o ataque contra Fornovo, com forças progredindo pelo norte, leste e oeste, e com o apoio da nossa artilharia e tanques americanos. O inimigo reagiu violentamente, mas por fim, na noite de sábado, dois oficiais alemães e um intérprete vieram até as nossas linhas afim de discutir os termos da sua rendição, uma vez que tinham um grande número de baixas e não podiam resistir. A situação era desesperadora, envolvidos como estavam pelas tropas brasileiras.

Foi exigida a rendição incondicional, com a garantia de que os feridos seriam imediatamente medicados. Os emissários retornaram às suas linhas, ficando convencionada uma hora de trégua, prazo dentro do qual deveria chegar a resposta. Vencido o prazo, como os emissários não retornassem (sic), foi reiniciado o bombardeio pela artilharia. Não foi preciso muito. Em pouco tempo voltavam os emissários, com a aceitação das nossas condições.

As nossas ambulâncias cruzaram as linhas apanhando os feridos, que foram logo transportados para os hospitais de evacuação.

As tropas deveriam começar a se render com os seus equipamentos intactos no início da noite. Às 5 horas da tarde as linhas de prisioneiros começavam a se movimentar, sendo o Gal. Fretter o último a se render, conforme o desejo que expressa. Chegou às 6 horas, sendo recebido pelo Gal. Falconieri, em nome do Cmt. da F.E.B.²¹⁷

O tenente Agostinho foi testemunha desse momento. Em seu livro de memórias, comenta sobre as filas infindáveis de alemães marchando pelas estradas. Orgulhosos,

²¹⁷O CRUZEIRO DO SUL. 3 de maio de 1945.

não demonstravam que haviam perdido uma guerra, pois marchavam cantando seus hinos de guerra.²¹⁸ Havia exceções, no entanto:

Mais tarde, uma companhia de suprimentos estacionou na estrada, perto de nós. Tropa “cerra-fila” da coluna. Os prisioneiros desta unidade pareciam idosos e cansados. Embora em silêncio, mostravam-se alegres. Para eles e para os outros era o fim da guerra. Em alguns minutos confraternizam-se “Fritz” e o “Pracinha”. Estranho vê-los assim. Vencedores e vencidos. Os “cerra-fila” não demonstravam abatimento. Eram diferentes daqueles que ainda há pouco passaram por nós, cantando, seus hinos de guerra.²¹⁹

Ocorre que, como explicaram ao tenente posteriormente, aqueles soldados eram austríacos. “Os austríacos apenas aceitaram o domínio nazista. Seu exército jamais chegou a lutar com entusiasmo”, e com a rendição alemã, alegravam-se, “côncios de que voltariam a ser livre”.

Assim, após estes eventos que glorificaram a participação brasileira nos últimos de guerra, é anunciado, no dia 2 de maio de 1945, pelo Marechal Alexander, Comandante Supremo Aliado no Mediterrâneo, o cessar fogo na Itália *“em face de ter o comandante germânico neste setor da luta apresentado ao aliados a rendição incondicional de todas as suas tropas.”*²²⁰

Dada a notícia do fim da guerra, os brasileiros foram saldados pelo povo italiano que os agradeciam, seus libertadores. Diante da comemoração dos refugiados italianos, o Tenente Agostinho comenta:

Repetia-se o espetáculo ao longo do percurso. Lenços. Vinho. Beijos. Flores. O pracinha já não se importava e nem se comovia. Habituar-se em ser o *liberatori*! De que lhe adiantava? Sentia-se exausto. Embora motorizado, nada mais fazia de que varar caminhos. Sofria de uma fadiga que provinha do calor e do pó. Havia nele, a essa altura, ausência absoluta de curiosidade e de interesse por tudo que o cercava. Queria o mais rápido fim. Vivera uma experiência única. Sabia. Era um veterano.²²¹

²¹⁸ RODRIGUES, Agostinho José. **TRINTA E CINCO ANOS DEPOIS DA GUERRA**. Imprensa Oficial do Estado. Curitiba, 1981. p. 180.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ **O CRUZEIRO DO SUL**. 3 de maio de 1945.

²²¹ RODRIGUES, Agostinho José. **TRINTA E CINCO ANOS DEPOIS DA GUERRA**. Imprensa Oficial do Estado. Curitiba, 1981. p. 181.

Cartas do Brasil

A V O L T A

Cabo JOSÉ CÉSAR BORBA

O mar, outra vez, pertencerá aos expedicionários. As ondas do mar tangem, agora, para o Brasil. Será um mar sem barcas, esperamos. As próprias barcas, porém, se sublimariam com esse mar que tange para o Brasil, no cantico da volta.

Passaros emigratorios, de plumagem verde, que tornam com o sol ás plagas de nascença. O sol derreterá a neve do fox-hole, que ainda se acumula sobre as fotografias. A volta dissolverá as lembranças do fox-hole, mas o fox-hole é uma coisa que ficará sempre por cima da memoria insolúvel.

A sua tristeza, amanhã, a sua caimbra nas pernas, a sua dor, o seu cansaço, os seus pés que incham de vez em quando, recordarão o fox-hole. Mas a casa é grande e antiga, a familia está reunida, ha o quintal com alguns pés de laranjas e a calçada com algumas cadeiras de balanço.

Ha os jornais que de vez em quando dirão, a proposito disto ou daquilo: « Os expedicionarios »; « Fez parte da F.E.B. »; « Foi ferido em Monte Castelo »; « Era do pelotão que entrou em Montese »; « Montou guarda á divisão que se rendeu ». As dôres da ferida aberta em Soprassasso ou a cabeça zonha com os morteiros que caíam em Montese, recrudesarão. Mas ha sempre um sorriso de confirmação para o que os jornais disserem.

E ha os filhos que dirão « Meu pai foi um expedicionario », com orgulho, mas você escutará por cima do seu orgulho, com ar serio, prometendo que a aventura não se repetirá para o seu filho.

E ha o mar, que você não pode esquecer, o mar que lhe custou quinze dias de viagem, muitos enjoos, muitas comidas com assucar, e muitos banhos salgados que tiravam o suor para botar uma coceira.

Mas que vale tudo isso, dentro de casa, com chuveiro de agua doce e comidas com sal, tudo pelo avesso do navio? E uma cama que de semelhante com a neve do fox-hole só tem a brancura do linho com que você se cobre?

E nunca esquecer o amor, que as cartas regaram como a agua a uma flor. O amor que tem muitos nomes, que chorou, que se despediu, que gostou do poema « Espere por mim », e esperou, de fato, por você.

As ondas do mar tangem para o Brasil. Nós sabiamos disto. O mar que trouxe, leva de volta. O mar, outra vez, pertencerá aos expedicionários. O mar que vem, o mar que vai, o mar de todos os mares, que das praias da Italia leva ás praias do Brasil.

Imagem 11: Artigo sobre o fim da guerra para a FEB. Fonte: BORBA, José César. A VOLTA. O CRUZEIRO DO SUL. 31 de maio de 1945.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A Força Expedicionária Brasileira, apesar de pequena e dos diversos problemas oriundos de seu treinamento apressado, teve uma participação relevante no Teatro de Operações da Itália. Sua participação na guerra foi singela de início, obtendo poucos avanços até a chegada do inverno. Neste período outonal, embaixo de chuva desde o dia de seu desembarque, lidou com batalhas difíceis e desafiadoras, da qual se tornou evidente a falta de armamento e treinamento. Principalmente ao voltar-se para as batalhas do Monte Castelo, onde culminaram as duas derrotas conhecidas da FEB.

Mas, apesar do despreparo da FEB, é injusto afirmar que foram elas as responsáveis pelo desempenho razoável inicial. Os Expedicionários lidaram com um cenário de guerra desfavorável, que prejudicava grandes avanços. Foram em batalhas difíceis, com o terreno lamacento e o inimigo em terreno privilegiado, que muitos brasileiros tiveram seu batismo de fogo.

Enviados para suprir as colunas desfalcadas dos americanos, que precisavam enviar suas unidades para o ataque à Normandia, os brasileiros parece fizeram muito mais do que simplesmente “tapar buracos”. Enquanto obtinham suas primeiras vitórias, ao mesmo tempo aprimoravam seu treinamento, revisando e aprendendo novos conceitos. No entanto, ao chegarem, de fato, de frente à Linha Gótica, que ia do mar Tirreno ao mar Adriático, seu avanço foi estancado.

Este elemento natural, o relevo montanhoso, somado ao frio do inverno, impediu o progresso do 5º Exército Americano como um todo, não somente dos brasileiros. No entanto para os expectadores da guerra, torna-se mais fácil vincular o progresso de uma tropa à sua efetividade. Independente da veracidade deste vínculo, as tropas aliadas não conseguiam ultrapassar a linha defensiva alemã por motivos geográficos e não pela capacidade combativa da tropa.

Os Aliados, mesmo melhor supridos, não tinham como voltar este fator ao seu favor. O uso de tanques e de outros veículos estava impedido pelo terreno, não dando o suporte e dinamismo que vemos em outras frentes. Era preciso vencer esta barreira com ataques da infantaria com o suporte da artilharia.

Quando houve os primeiros ataques ao Monte Castelo, além das dificuldades já citadas, as surtidas foram feitas frontalmente expondo as tropas brasileiras, que não tinham espaço para “manobrar”. Somente com os poucos avanços que se fizeram no inverno, tanto de americanos e brasileiros, os flancos deste Monte foram expostos para um futuro ataque melhor preparado.

Mas em meio à preparação deste ataque, os brasileiros enfrentavam um inimigo desconhecido: a neve. O brasileiro não era habituado com essa realidade invernal, mas nem por isso teve dificuldades em se adaptar. No lidar dos *fox-holes* tinham boas ideias para o seu aprimoramento, mas falhavam em não confiar no treinamento, como ocorreu no caso dos borzeguins.

Apesar de transparecer, principalmente por conta do testemunho de alguns soldados da retaguarda, que a guerra na Itália era um passeio, para aqueles que estavam verdadeiramente no *front*, este pensamento é um verdadeiro descaso com sofrimento que passaram lá. O frio e as montanhas, como bem salientou Rubem Braga, eram agradáveis para aqueles que como ele tinham a opção de se abrigar em conforto. Aqueles que estavam entrincheirados não poderiam dizer o mesmo. O estado em que estes soldados viveram o conflito era precário, e os intempéries em que viviam forçavam os fisicamente e mentalmente.

Por conta da pouca movimentação e higiene precária os pracinhas estavam sujeitos ao pé-de-trincheira, acometimento comum de todo *front* em situação semelhante. Tormentos como este, trazidos pela falta movimentação tornava o soldado ansioso para deixar a posição. Tornava-se mais interessante enfrentar seu inimigo declarado do que congelar para o outro. Por conta destes mesmos intempéries o campo de visão do praça ficou prejudicado. Por isso, além da pouca movimentação do período, poucas vezes via realmente o inimigo, o que tornava a neve o inimigo sempre constante a ser combatido diariamente.

Nos relatos, tanto de veteranos quanto dos correspondentes ou dos jornais, podemos ver que este foi o período maior sofrimento para os brasileiros. Pode não ter sido o que mais houve baixas, mas foi o mais comentado. Ele era comentado pois era uma realidade dos vários setores da campanha. Além disso, por ter sido um momento de provação para a tropas, dava-se a impressão de que foi o período mais longo da

presença dos brasileiros no T.O. da Itália, mesmo tendo se correspondido à metade da duração da campanha.

Talvez pela falta de mobilidade a Campanha da Itália como um todo, tenha deixado de ser interessante para a imprensa da época, repercutindo os feitos da frente oeste, muito mais dinâmica e numa proporção maior de combatentes. Mas toda frente de batalha tem seu objetivo. O 5º Exército Americano não estava lá à toa, ou a passeio no caso da FEB para alguns jornalistas. Era preciso pressionar a aquela frente, desviando os recursos alemães ia se esgotando enquanto o cerco se fechava.

Quando o inverno passou, deixando os caminhos antes cobertos de neve agora com lama, os brasileiros já haviam adquirido mais experiência e prática no ofício da guerra, tornando mais fácil a tomada das difíceis posições elevadas alemãs. Havia outras nacionalidades lutando pelos Aliados na Itália, no entanto quem furou o bloqueio da Linha Gótica foi o efetivo composto por maioria febianana, com o devido suporte das tropas americanas pelo flanco. Também ficou a crédito brasileiro a tomada de Montese, palco de uma das batalhas mais sangrentas da campanha.

A partir destas retumbantes vitórias a FEB passou a ser designada na proteção das posições tomadas e das vias que levavam ao norte, enquanto que as tropas americanas se encarregaram da liberação das grandes cidades como Bolonha. Fatos como esse deixam a dúvida se teriam mesmo os americanos deixado os piores confrontos para os brasileiros, deixando, assim, os triunfos para eles próprios. Independente disso, a ação da FEB nestes últimos meses de campanha se mostrou exemplar, ainda mais quando nos últimos dias de combate conseguem render uma divisão alemã inteira.

É difícil retratar as experiências de 25 mil soldados, que lutaram de forma distinta, em locais diferentes. Mas os relatos dos veteranos evidenciam lembranças positivas da participação da FEB. Principalmente quando provindos dos oficiais. Independente do esquecimento que hoje há sobre a FEB, é possível notar que os feitos brasileiros, na proporção numérica de suas tropas, foram relevantes para o cerco sobre a Alemanha e a vitória aliada e o fim da guerra.

FONTES DOCUMENTAIS

Acervo do jornal **O CRUZEIRO DO SUL** – Edições de 3 de janeiro de 1945 a 31 de maio de 1945. Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Acervo do jornal **O GLOBO EXPEDICIONÁRIO** – Edições de 7 de setembro de 1944 a 23 de maio de 1945. Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra**. Editora do Autor. Rio de Janeiro, 1964.

LIMA, Rui Moreira. **SENTA A PUA!** Editora Action. Rio de Janeiro, 2011.

RODRIGUES, Agostinho José. **TRINTA E CINCO ANOS DEPOIS DA GUERRA**. Imprensa Oficial do Estado. Curitiba, 1981.

SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Objetiva. Rio de Janeiro, 2005.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Adhemar R. **MONTESE – MARCO GLORIOSO DE UMA TRAJETÓRIA**. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1985.

AMBROSE, Stephen E. **BAND OF BROTHERS**. Bertrand. Rio de Janeiro, 2006.

AMBROSE, Stephen E. **O DIA D, 6 DE JUNHO DE 1944: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira - <http://www.anvfeb.com.br>

Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (site antigo) - <http://www.anvfeb.com.br/siteantigo/>.

CARONE, E. **O ESTADO NOVO 1937-1945**. Difel. Rio de Janeiro, 1977.

Carta do Expedicionário Antonio Amarú. Itália, janeiro de 1945.

CASTELLO BRANCO, Thomaz. **O BRASIL NA II GRANDE GUERRA**. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1960.

CHAGAS, Honorato C. **O BRASIL EM GUERRA: os preparativos, a arregimentação e o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para os campos de batalha na II Guerra Mundial. (1942-1944)**. 2015. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

CRUZ, Vicente Pedroso da. Entrevista concedida à Cesar C. Maximiano. São Paulo, 1999.

Escola de Sargentos Max Wolf Filho - <http://www.esa.ensino.eb.br/maxwolf/>

ESTRADA 47. Dirigido e escrito por Vicente Ferraz, 2015. 107 min.

HART-DAVIS, Adam (editorial consultant). **HISTORY the definitive visual guide**. DK. London, 2007.

MACEDO FILHO, Leônidas.

<https://picasaweb.google.com/leonidasmacedofilho/LMFFEBCartasEnviadasERcebidas#5270725361038519554>.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **BARBUDOS, SUJOS E FATIGADOS soldados brasileiros na segunda guerra mundial**. São Paulo, 2010. Editora Grua.

MORAES, Mascarenhas. **A FEB PELO SEU COMANDANTE**. Progresso. Rio de Janeiro, 1947.

MUNIZ, Larissa Casagrande Faller. A configuração do jeitinho brasileiro em narrativas literárias. Santa Cruz do Sul: Programa de PósGraduação em Letras, 2009. (Dissertação de Mestrado).

Museu do Expedicionário - <http://www.museudoexpedicionario.com>

NETO, Ricardo Bonalume. **GRANDES GUERRAS**. Editora abril. Edição 27, fevereiro 2009.

O Brasil na Batalha do Atlântico. Erik de Castro. Keilla Pinheiro e Erik de Castro. BSB Cinema e Panda produções, 2012. Documentário de 2012, dirigido por Erik de Castro. 82 min.

PALHARES, Gentil. **De São João del-Rei ao Vale do Pó**. Biblioteca do Exército. 1957.

PAVIS, Patrice. **DICIONÁRIO DE TEATRO**. Perspectiva. São Paulo, 1999.

Portal FEB - <http://www.portalfeb.com.br/armamento/feb-do-inicio-ao-fim/>

RIBEIRO, Patrícia da Silva. **EM LUTO E LUTA: construindo a memória da FEB**. Rio de Janeiro, 2013.

Silveira, Joel e Mitke, Thassilo. **A LUTA DOS PRACINHAS**. Record. *Rio de Janeiro*, 1983.

SOARES, Leonercio. **VERDADES E VERGONHAS DA FORÇA ESPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**. Edição do autor. Curitiba, 1984.

SULLA, Giovanni; TROTA, Ezio. **GLI EROI VENUTI DAL BRASILE**. Storia fotografica del corpo di spedizione brasiliano in Italia (1944-45). Il Fiorino, 2005.

The 350th Fighter Group in the Mediterranean Campaign November 2, 1942 – may, 2, 1945. Schiffer Publishing, Ltd. 2004.

TORRES, João Camilo de Oliveira. Introdução à teoria do “jeito”. In: _____. *Interpretação da realidade brasileira: introdução à história das idéias políticas no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

TOTA, Pedro. **HISTÓRIA DAS GUERRAS**. Magnoli, Demétrio (org.). São Paulo: Contexto, 2006.

TRUSCOTT, L. K. **COMMAND MISSIONS**. Presidio Press. Novato, 1990.

TRAINING OF THE 2ND ECHELON OF THE 1ST INFANTARY DIVISION, B.E.F. WO 204 5848, The National Archive, Kew Gardens.

VILLI, Tairon. **REPRESENTAÇÕES DA MORTE**. In: OLIVEIRA, Dennison de. *Guia do Museu do Expedicionário*. UFPR. Curitiba, 2012.